



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

**IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO DESENVOLVIMENTO DA
SEXUALIDADE DE ESTUDANTES DOS NONOS ANOS DA ESCOLA
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA RUI PALMEIRA**

Relatório de Projeto

ANA PAULA REIS DA SILVA SÁ

Trabalho realizado sob a orientação de

Maria Isabel Alves Rodrigues Pereira

Ouro Branco, janeiro, 2025

Mestrado em Utilização Pedagógica das TIC

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a Deus por tudo que tem proporcionado em minha vida e por guiar meus passos durante esta jornada de pesquisa e escrita da minha dissertação de mestrado. Agradeço profundamente à minha orientadora, Izabel Pereira, por sua dedicação, sabedoria e apoio constante ao longo de todo o processo. Suas orientações valiosas e conhecimentos compartilhados foram fundamentais para o êxito deste trabalho.

Gostaria de estender meus agradecimentos especiais à minha família, em particular à minha mãe, que me ensinou a ser a mulher determinada e persistente que sou hoje. Agradeço ao meu esposo, Jeferson Caetano, por ser meu maior incentivador, apoiando-me em cada desafio e compartilhando as responsabilidades do lar durante o tempo que dediquei ao mestrado. Agradeço também à minha irmã, Patrícia Reis, por nunca me deixar desamparada e cuidar tão bem dos meus filhos, enquanto eu me dedicava aos estudos.

Não posso deixar de mencionar meus amigos, cujo apoio constante, encorajamento e compreensão foram essenciais para me manter motivada e perseverante ao longo do processo do mestrado.

RESUMO

A adolescência é uma etapa crucial de desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais que moldam a identidade dos jovens. Este estudo analisa como as ferramentas digitais podem ser utilizadas para promover o autoconhecimento e o cuidado pessoal entre alunos do nono ano da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira, com foco na abordagem da sexualidade. A adolescência, conforme definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), abrange a faixa etária de 10 a 19 anos, sendo regulada no Brasil pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que considera adolescentes os indivíduos entre 12 e 18 anos. Nesse período, os jovens enfrentam desafios significativos relacionados à autoimagem e à expressão sexual, o que reforça a importância de uma educação sexual abrangente e contextualizada. Com a crescente penetração das tecnologias digitais e o uso intensivo de redes sociais, os adolescentes têm acesso a novas formas de interação e informação que influenciam diretamente suas percepções sobre sexualidade. A pesquisa baseia-se em autores como Sonia Livingstone, Danah Boyd e Albert Bandura, que destacam o papel transformador das tecnologias no ensino e na promoção de uma educação sexual mais acessível, dinâmica e engajadora. Além disso, a investigação considera as características da "Geração Net", conforme discutidas por Tapscott, e a cultura da convergência midiática de Jenkins, argumentando que as escolas devem adaptar suas metodologias pedagógicas para atender às demandas de uma geração que cresce em um ambiente digital. Os objetivos específicos incluem identificar as necessidades dos estudantes em relação à educação sexual, analisar suas

percepções sobre o uso de tecnologias no aprendizado dessa temática e desenvolver estratégias eficazes para integrar recursos digitais nesse contexto. A pesquisa também explora como a interação com tecnologias digitais influencia a visão e as experiências dos alunos em relação à sexualidade, fundamentando-se em teóricos como Manuel Castells e Pierre Lévy, que abordam o impacto das tecnologias na construção do conhecimento e nas relações sociais. Os resultados esperados buscam fornecer subsídios para a elaboração de estratégias que melhorem a integração das ferramentas digitais no currículo escolar, promovendo uma compreensão crítica, reflexiva e inclusiva da sexualidade entre os adolescentes. Dessa forma, o estudo almeja contribuir para o desenvolvimento de um ambiente educativo que não apenas informe, mas também fomente a autoaceitação e o cuidado pessoal, capacitando os jovens para enfrentar os desafios contemporâneos relacionados à sexualidade, à saúde mental e à cidadania digital.

Palavras-chave: *Adolescência; Educação Sexua;, Ferramentas Digitais; Autoconhecimento; Saúde Mental; Redes Sociais; Cultura Digital.*

ABSTRACT

Adolescence is a crucial stage of human development, characterized by intense physical, emotional, and social transformations that shape the identity of young individuals. This study examines how digital tools can be utilized to promote self-awareness and personal care among ninth-grade students at the Municipal School of Basic Education Rui Palmeira, focusing on sexuality education. According to the World Health Organization (WHO), adolescence encompasses the age range from 10 to 19 years and is defined in Brazil by the Statute of the Child and Adolescent, which considers individuals aged 12 to 18 as adolescents. During this period, young people face significant challenges related to body image and sexual expression, underscoring the importance of comprehensive and contextualized sexuality education. With the growing penetration of digital technologies and intensive use of social media, adolescents have access to new forms of interaction and information that directly influence their perceptions of sexuality. The research draws on authors such as Sonia Livingstone, Danah Boyd, and Albert Bandura, who highlight the transformative role of technologies in education and the promotion of more accessible, dynamic, and engaging sexuality education. Furthermore, the investigation incorporates the characteristics of the "Net Generation," as discussed by Tapscott, and Jenkins' concept of media convergence culture, arguing that schools should adapt their pedagogical methodologies to meet the demands of a generation growing up in a digital environment.

The specific objectives include identifying students' needs regarding sexuality education, analyzing their perceptions of using technologies in learning this subject, and developing effective strategies to integrate digital resources into this context. The research also explores how interactions with digital technologies influence students' perspectives and experiences regarding sexuality, grounded in theorists such as Manuel Castells and Pierre Lévy, who address the impact of technologies on knowledge construction and social relationships. The expected outcomes aim to provide insights for designing strategies that enhance the integration of digital tools into school curricula, fostering a critical, reflective, and inclusive understanding of sexuality among adolescents. Thus, this study seeks to contribute to the development of an educational environment that not only informs but also promotes self-acceptance and personal care, equipping young people to face contemporary challenges related to sexuality, mental health, and digital citizenship.

Keywords: *Adolescence; Sexual Education; Digital Tools; Self-awareness; Mental Health; Social Media; Digital Culture.*

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	VI
Resumo	VI
Abstract.....	VI
Índice Geral	<u>VIIV</u>
INTRODUÇÃO	12
Pergunta de Investigação	13
Hipótese	13
Justificativa	14
Objetivos da Pesquisa.....	18
Objetivo Geral	18
Objetivos Específicos.....	18
REFERENCIAL TEÓRICO	20
A Transformação da Sexualidade na Jornada da Adolescência	20
Ideias Fundamentais na Educação Sexual	25
Desenvolvimento da Sexualidade na Adolescência.....	30
Integração das Perspectivas de Butler e Foucault na Educação Sexual.....	31
O Impacto das Tecnologias Emergentes Durante a Adolescência.	32
Oportunidades e riscos on-line na perspectiva de Sonia Livingstone	33
Impacto das tecnologias emergentes durante a adolescência: contribuições de Sonia Livingstone	34
Papel dos pais e da escola.....	36
Ideias teóricas para o ensino da sexualidade	39

Conjugação do conhecimento teórico com a execução pragmática	40
Ideias teóricas para o ensino da sexualidade	41
Tecnologias Eletrônicas como Instrumentos de Aprendizagem	42
Perspectivas interdisciplinares	43
Aspectos de gênero e diversidade sexual	44
Michel Foucault e a Construção Social da Sexualidade	44
Modelos E Estratégias de Educação Sexual na Escola	45
Uso de tecnologias digitais na educação sexual	45
Promoção da Saúde e Do Bem-Estar Integral dos Adolescentes	46
Direitos Digitais e o Uso de Dispositivos Móveis por Crianças e Jovens	48
Uso de dispositivos móveis por crianças e jovens	49
O uso de tecnologias online por crianças e jovens na Europa	50
Impactos do uso de telas e mídias sociais por adolescentes	51
Impactos do uso de telas e mídias sociais por adolescentes	52
Cidadania digital e participação online de crianças e adolescentes: desafios e oportunidades	53
METODOLOGIA	56
Tipo e Abordagem da Pesquisa	56
Contexto do Estudo e Participantes	56
Instrumento de Coleta de Dados	56
Questões Abertas	57
Procedimentos de Coleta de Dados	58
Análise dos Dados	58
Limitações da Pesquisa	58
Aspectos Éticos	59

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	60
Informações Demográficas	60
Idade dos Participantes	60
Gênero	61
Raça/Cor	63
Escolaridade dos Pais/Responsáveis	65
Situação Socioeconômica	67
Local de Residência	69
Autoconhecimento e Cuidado Pessoal	71
Análise Geral	75
Tecnologias Digitais e Sexualidade.	77
Preocupações e Cuidados	79
Uso de Ferramentas Digitais	81
<i>Uso de Tecnologias Digitais na Educação Sexual</i>	84
<i>Promoção da Saúde e Bem-Estar Integral dos Adolescentes</i>	86
Impactos do Uso de Telas e Mídias Sociais por Adolescentes	88
CONCLUSÕES	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	99
Seção 1 - informações demográficas:.....	99

Índice de Figuras

Gráfico 1 Distribuição por Idade dos Participantes.....	61
Gráfico 2 Distribuição por Gênero	63
Gráfico 3 Distribuição por Raça/Cor.....	65
Gráfico 4 escolaridade dos pais/responsáveis	67
Gráfico 5 Situação Socioeconômica.....	69
Gráfico 6 Local de Residência.....	71
Gráfico 7 Percepção dos alunos sobre a auto imagem	71
Gráfico 8 Principais fontes de informações sobre mudanças corporais	77
Gráfico 9 Distribuição das fontes de informação sobre sexualidade	79
Gráfico 10 Influência da internet sobre a sua visão sobre o corpo e relacionamentos..	79
Gráfico 11 Percepção dos jovens sobre os riscos associados ao uso da internet.....	81
Gráfico 12 Frequência da conectividade entre os jovens	83
Gráfico 13 Distribuição do uso das plataformas, ou a preferência dos alunos por redes sociais visuais	
Gráfico 13 Distribuição do uso das plataformas, ou a preferência dos alunos por redes sociais visuais	77

Gráfico 14 - Preferência dos recursos digitais.....	86
Gráfico 15 Preocupações quanto a segurança digital	88
Gráfico 16 Frequência de uso da internet.....	90
Gráfico 17 Distribuição do uso dessas redes sociais	91

1. INTRODUÇÃO

A adolescência representa uma etapa marcante no desenvolvimento humano, caracterizada por transformações físicas, emocionais e sociais que moldam a identidade dos indivíduos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa fase abrange a faixa etária dos 10 aos 19 anos, enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Brasil, delimita o período dos 12 aos 18 anos (Brasil, 1990; OMS, 2002). Essa transição entre a infância e a vida adulta é reconhecida como um período complexo, no qual a sexualidade exerce papel central na formação pessoal e relacional dos jovens.

As mudanças enfrentadas pelos adolescentes, especialmente relacionadas à sexualidade, trazem desafios e oportunidades para o crescimento individual. Nesse cenário, o avanço tecnológico e a presença das redes sociais têm reconfigurado a forma como os jovens acessam informações e expressam sua sexualidade. Paralelamente, os recursos digitais emergem como ferramentas valiosas para promover a autoconsciência e a construção de uma visão crítica sobre o tema, ao oferecerem ambientes seguros para diálogo e aprendizado (Livingstone, 2008; Prensky, 2001).

Nesse contexto, os professores desempenham papel essencial, ao abordar a educação sexual com sensibilidade e eficácia, utilizando o potencial das tecnologias digitais. Estudos, como os de Boyd (2014), que analisam a influência das mídias sociais na juventude, e de Bandura (1977), sobre a teoria da aprendizagem social, reforçam a relevância de integrar recursos tecnológicos às estratégias pedagógicas. A implementação dessas ferramentas é especialmente importante entre estudantes do 9º ano, com idades entre 13 e 14 anos, permitindo que temas relacionados à sexualidade sejam tratados de maneira acessível e engajante.

Pesquisas realizadas por Tapscott (1998) apontam que a "Geração Net" apresenta características únicas, como a facilidade com multitarefas, a preferência por ambientes interativos e a maior familiaridade com tecnologias digitais. Essas características demandam abordagens educacionais inovadoras, centradas no aluno e fundamentadas em metodologias participativas. Complementarmente, Jenkins (2006) argumenta que a

cultura da convergência midiática requer habilidades como pensamento crítico, colaboração e produção de mídia, considerando que os jovens atuam não apenas como consumidores, mas também como produtores de conteúdo.

Nesse sentido, integrar tecnologias digitais aos currículos escolares de forma estratégica é indispensável para potencializar o engajamento e a aprendizagem. Tal integração deve equilibrar os benefícios tecnológicos com a promoção de um uso consciente e saudável, considerando os desafios do contexto digital.

Este estudo tem como objetivo geral analisar como as ferramentas digitais podem incentivar a reflexão sobre o autoconhecimento e o cuidado pessoal entre estudantes do nono ano da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira, com ênfase no amadurecimento da sexualidade durante a adolescência. Os objetivos específicos incluem identificar as necessidades dos estudantes, compreender suas percepções sobre o uso de tecnologias na educação sexual, investigar estratégias eficazes para a integração de recursos digitais e propor recomendações para aprimorar essas práticas.

A análise fundamenta-se em autores como Castells (2003) e Lévy (1999) para compreender como as tecnologias digitais são utilizadas pelos alunos em suas atividades cotidianas e como influenciam suas experiências relacionadas à sexualidade. Além disso, as reflexões pedagógicas de Freire (1987) e Foucault (1976) orientam a proposição de estratégias de ensino que promovam uma abordagem ampla e crítica para a educação sexual mediada por tecnologias.

1.1. PERGUNTA DE INVESTIGAÇÃO

Como as ferramentas digitais podem ser integradas de maneira eficaz para promover a reflexão sobre o autoconhecimento e o cuidado pessoal entre estudantes do 9º ano da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira, contribuindo para o amadurecimento de sua sexualidade durante a adolescência?

1.2. HIPÓTESE

A integração estratégica de ferramentas digitais no ensino de educação sexual tem o potencial de ampliar a reflexão dos estudantes do 9º ano da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira sobre seu autoconhecimento e a importância do cuidado pessoal, promovendo um amadurecimento saudável da sexualidade durante a adolescência.

Este estudo busca identificar os principais obstáculos e demandas enfrentados pelos estudantes nesse contexto, além de analisar a eficácia dos recursos digitais atualmente empregados para fomentar a autoconsciência e o autocuidado. Dessa forma, pretende-se oferecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que utilizem a tecnologia de maneira assertiva, apoiando o processo de descoberta e desenvolvimento saudável da sexualidade entre os adolescentes dessa comunidade escolar.

1.3. JUSTIFICATIVA

A adolescência é uma etapa essencial do desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, que desempenham um papel fundamental na formação da identidade dos indivíduos. Nesse contexto, a sexualidade emerge como um aspecto central desse processo, influenciando diretamente a forma como os adolescentes percebem a si mesmos e constroem suas relações interpessoais. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos, período no qual ocorre um conjunto de mudanças significativas que moldam as bases da vida adulta. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescentes os indivíduos de 12 a 18 anos, reforçando a necessidade de políticas e práticas que atendam às demandas específicas dessa população.

A vivência da sexualidade na adolescência apresenta desafios únicos, envolvendo a busca pelo autoconhecimento, o amadurecimento emocional e a construção de uma autoimagem saudável. Nesse cenário, a educação sexual assume um papel fundamental ao fornecer aos jovens informações precisas, contextualizadas e acessíveis sobre temas relacionados ao corpo, relacionamentos, consentimento e à saúde sexual. No entanto, apesar de sua relevância, a educação sexual ainda enfrenta barreiras significativas em muitas culturas e sistemas educacionais. Entre os principais obstáculos estão os tabus culturais, que

dificultam o diálogo aberto sobre sexualidade, a resistência de determinados grupos sociais e a falta de preparo de educadores para abordar o tema de forma adequada e inclusiva.

Além disso, o desinteresse por parte dos adolescentes, em relação aos métodos tradicionais de ensino, é outro fator que compromete a eficácia da educação sexual nas escolas. Sob esse prisma, muitos jovens consideram as abordagens convencionais desatualizadas ou desconectadas de suas realidades, o que reduz o engajamento e a assimilação do conteúdo. Soma-se a isso a limitada acessibilidade a informações confiáveis sobre sexualidade, especialmente em comunidades mais vulneráveis, onde os recursos educacionais e de saúde podem ser escassos.

Diante desse panorama, as tecnologias digitais emergem como ferramentas poderosas e promissoras para superar as limitações da educação sexual tradicional. Assim, o avanço tecnológico tem transformado a forma como os jovens se comunicam, interagem e aprendem, tornando as ferramentas digitais uma parte integrante de suas rotinas diárias. Aplicativos educativos, plataformas interativas *on-line* e redes sociais digitais têm se destacado como meios eficazes para engajar os adolescentes e promover uma educação sexual mais dinâmica, personalizada e relevante.

A literatura científica aponta para o potencial das tecnologias digitais na promoção da saúde sexual entre adolescentes. De acordo com DeSmet *et al.* (2015), programas de educação sexual *on-line* têm demonstrado eficácia em ampliar o conhecimento sobre saúde sexual e reduzir comportamentos de risco, como a prática de relações sexuais desprotegidas e a exposição a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Esses programas oferecem vantagens importantes, como a flexibilidade no acesso às informações, a possibilidade de personalizar o aprendizado, de acordo com as necessidades individuais, e a criação de ambientes seguros para a discussão de temas sensíveis.

No entanto, apesar do crescente interesse pelo uso de tecnologias digitais na educação sexual, ainda existem lacunas significativas no conhecimento sobre como esses recursos podem ser otimizados para atender às demandas específicas dos adolescentes. É necessário investigar de que forma as ferramentas digitais podem ser utilizadas para

promover não apenas o acesso a informações, mas também o desenvolvimento de habilidades críticas, como o autoconhecimento, a autorregulação e a capacidade de tomar decisões conscientes e responsáveis em relação à sexualidade.

A relevância deste estudo está diretamente associada à necessidade de adaptar a educação sexual às realidades e expectativas de uma geração que cresceu em um mundo digital. Conforme discutido por Tapscott (1998), a chamada "Geração Net" possui características únicas, como a familiaridade com a tecnologia, a preferência por ambientes interativos e colaborativos e a habilidade de realizar múltiplas tarefas simultaneamente. Essas particularidades demandam novas abordagens pedagógicas que utilizem as tecnologias digitais como aliadas no processo educativo, aproveitando seu potencial para engajar e motivar os estudantes.

Além disso, o conceito de cultura da convergência midiática, proposto por Jenkins (2006), reforça a ideia de que as mídias digitais oferecem oportunidades únicas para a aprendizagem e a participação ativa dos jovens. A integração entre diferentes plataformas digitais possibilita a criação de experiências educativas mais ricas e diversificadas, nas quais os adolescentes podem se envolver de forma ativa na construção do conhecimento. No contexto da educação sexual, isso significa utilizar tecnologias digitais para abordar temas complexos de maneira acessível, interativa e inclusiva, promovendo uma compreensão mais crítica e abrangente da sexualidade.

Outro aspecto relevante é a influência das tecnologias digitais na construção da autoimagem e das relações interpessoais dos adolescentes. Estudos como os de Livingstone (2008) e Boyd (2014) destacam que as redes sociais desempenham um papel significativo na formação da identidade dos jovens, oferecendo tanto oportunidades quanto desafios. Por um lado, as plataformas digitais podem ser espaços de expressão e descoberta, permitindo que os adolescentes explorem diferentes aspectos de sua identidade e se conectem com outras pessoas que compartilham de suas experiências. Por outro lado, o uso intensivo das redes sociais pode gerar pressões relacionadas a padrões de beleza e comportamentos idealizados, impactando negativamente a autoestima e a saúde mental dos jovens.

Nesse sentido, a educação sexual, mediada por tecnologias digitais, pode desempenhar um papel fundamental na promoção de uma autoimagem positiva e de relações interpessoais saudáveis. Ao oferecer informações precisas e acessíveis sobre sexualidade, bem como ao fomentar a reflexão crítica sobre os conteúdos consumidos *on-line*, as ferramentas digitais podem ajudar os adolescentes a desenvolverem uma compreensão mais equilibrada e realista de si mesmos e de seus relacionamentos.

Este estudo busca contribuir para o avanço do conhecimento sobre o uso de tecnologias digitais na educação sexual, explorando como esses recursos podem ser utilizados para promover o autoconhecimento e o cuidado pessoal entre os alunos do nono ano da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira. Ao investigar as percepções e experiências dos adolescentes em relação ao uso de tecnologias digitais, a pesquisa pretende identificar estratégias pedagógicas eficazes que integrem essas ferramentas ao currículo escolar, de forma a atender às necessidades específicas dessa faixa etária.

Os resultados esperados têm o potencial de gerar subsídios relevantes para diferentes públicos, incluindo professores, profissionais da saúde, gestores educacionais e desenvolvedores de tecnologias educacionais. A partir dos dados coletados e analisados, espera-se propor recomendações práticas para a elaboração de programas e políticas que promovam uma educação sexual mais inclusiva, dinâmica e adaptada às demandas contemporâneas.

Além disso, o estudo busca enfatizar a importância de abordar a sexualidade de forma interdisciplinar, considerando não apenas os aspectos biológicos, mas também os fatores emocionais, sociais e culturais que influenciam a vivência da sexualidade na adolescência. A integração de perspectivas teóricas e práticas pode contribuir para a criação de um ambiente educativo que fomente o respeito à diversidade, à igualdade de gênero e à cidadania digital, preparando os jovens para enfrentar os desafios e as oportunidades de uma sociedade cada vez mais conectada.

Por fim, ao destacar o papel das tecnologias digitais na educação sexual, este estudo também pretende incentivar o desenvolvimento de novas ferramentas e recursos que ampliem o acesso à informação e que promovam a inclusão social. Em um contexto no qual as desigualdades educacionais e sociais ainda representam barreiras significativas

para muitos jovens, as tecnologias digitais podem atuar como um catalisador para a transformação, oferecendo oportunidades de aprendizado e crescimento para todos.

Dessa forma, a justificativa deste estudo está enraizada na necessidade urgente de repensar e modernizar as abordagens de educação sexual, aproveitando o potencial das tecnologias digitais para criar um ambiente de aprendizado mais significativo, inclusivo e impactante para os adolescentes. Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas e políticas públicas mais eficazes, promovendo a saúde e o bem-estar integral dos jovens em um mundo cada vez mais digital e globalizado.

1.4. OBJETIVOS DA PESQUISA

OBJETIVO GERAL

Analisar como as ferramentas digitais podem ser utilizadas para promover a reflexão sobre o autoconhecimento e a importância do cuidado pessoal entre os estudantes do 9º ano da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira, no contexto do amadurecimento da sexualidade durante a adolescência.

1.4.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as principais dificuldades, carências e necessidades dos estudantes do 9º ano da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira em relação à autoconsciência e ao cuidado com sua sexualidade;
- Investigar as percepções dos estudantes sobre o uso de ferramentas tecnológicas no ensino de educação sexual;
- Analisar as estratégias mais eficazes, incluindo metodologias de ensino, atividades e ferramentas digitais específicas, para integrar recursos tecnológicos no processo de conscientização sobre sexualidade e autocuidado dos estudantes do 9º ano;

- Propor sugestões para aprimorar a integração de recursos digitais no ensino de educação sexual, com foco em atender às demandas particulares dos estudantes da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A TRANSFORMAÇÃO DA SEXUALIDADE NA JORNADA DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é marcada por transformações significativas, tanto físicas quanto mentais, que moldam os laços interpessoais e o autoconhecimento. Esse período é crucial para o desenvolvimento da sexualidade, momento em que os jovens começam a compreender sua orientação sexual e enfrentam mudanças internas e externas que impactam sua evolução psicológica relacionada à sexualidade.

Na teoria do desenvolvimento psicosssexual de Sigmund Freud, a adolescência é vista como uma fase decisiva para o amadurecimento da sexualidade. Freud (1905) descreve esse período como uma reavaliação dos desejos e impulsos sexuais, que precisam ser incorporados à formação da identidade individual. Para Freud, a adolescência representa o ápice do desenvolvimento psicosssexual, possibilitando a resolução de conflitos e fixações das fases anteriores (oral, anal e fálica), contribuindo para a maturidade sexual.

Complementarmente, Erik Erikson (1968) expande as ideias de Freud ao destacar a adolescência como um momento de consolidação da identidade. Ele afirma que, nessa etapa, os jovens enfrentam uma "crise de identidade", buscando compreender quem são e qual é o seu papel na sociedade. Essa crise é fundamental para a construção de uma identidade sexual saudável, na qual os adolescentes conciliam suas identidades emergentes com as normas sociais e culturais predominantes. Erikson também sugere que a superação bem-sucedida dessa crise resulta na fidelidade, entendida como a capacidade de viver de acordo com os próprios valores e convicções, incluindo aqueles relacionados à sexualidade.

A integração das perspectivas de Freud e Erikson fornece um modelo abrangente para compreender o desenvolvimento da sexualidade durante a adolescência. Enquanto Freud enfatiza os impulsos sexuais e desejos intrínsecos, Erikson destaca o papel das normas sociais e culturais na formação da identidade. Essas visões complementares evidenciam

a complexidade do desenvolvimento sexual, resultante da interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais.

O conhecimento sobre sexualidade é indispensável para promover um crescimento saudável e consciente na adolescência. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é essencial que a educação sexual seja completa, abrangendo aspectos físicos, emocionais e psicossociais. Essa abordagem holística garante que os jovens não apenas adquiram informações sobre sexualidade, mas também desenvolvam habilidades e atitudes necessárias para tomar decisões éticas e informadas (OMS, 2006).

A sexualidade, durante a adolescência, vai além do simples conhecimento sobre o corpo ou dos aspectos biológicos. Trata-se, pois, de uma construção que abrange dimensões emocionais, sociais, culturais e psicológicas, sendo profundamente influenciada pelo ambiente em que o jovem está inserido. Nesse sentido, a educação sexual precisa ser completa e integrada, abordando questões que dialoguem com a realidade dos adolescentes e as demandas de sua formação. De acordo com García e Rojas (2017), uma abordagem educativa inclusiva e sensível às transformações sociais é essencial para que os jovens desenvolvam competências críticas sobre si mesmos e sobre os relacionamentos interpessoais, especialmente em um mundo cada vez mais interconectado.

A integração de aspectos emocionais e sociais na educação sexual também se faz necessária, pois a sexualidade na adolescência não ocorre isoladamente, mas está profundamente conectada às relações com o outro e à construção da identidade. Sob esse ângulo, a adolescência é uma etapa na qual os indivíduos aprendem a se posicionar no mundo, desenvolvendo habilidades sociais que irão moldar seus relacionamentos. Nesse processo, o papel das normas culturais, como discutido por Foucault (1976), é determinante para definir o que é considerado aceitável ou desviado. Foucault destaca que a sexualidade é construída através de práticas discursivas e dispositivos de poder, que regulam comportamentos e moldam identidades. Assim, a educação sexual precisa ser crítica e voltada para a desconstrução de normas opressoras, promovendo a autonomia e o respeito à diversidade.

Essa abordagem é particularmente importante em um contexto global marcado por mudanças aceleradas na forma como os jovens interagem com o mundo, influenciados

pelas tecnologias digitais. Sob esse olhar, as redes sociais e outras plataformas digitais não apenas oferecem novas formas de acesso à informação, mas também desempenham um papel fundamental na construção da autoimagem e na percepção das relações interpessoais. Livingstone (2008) argumenta que a presença digital pode tanto ampliar o acesso a informações relevantes quanto expor os jovens a padrões idealizados de beleza e comportamento, muitas vezes inatingíveis. Esse paradoxo evidencia a necessidade de uma educação sexual que prepare os adolescentes para lidar criticamente com o conteúdo consumido no ambiente digital.

Além disso, é essencial considerar o impacto das interações sociais mediadas por tecnologias na formação da sexualidade dos adolescentes. Segundo Boyd (2014), os jovens utilizam as plataformas digitais não apenas como um espaço de socialização, mas também como um ambiente de experimentação e expressão de identidade. Isso inclui a sexualidade, que, nesse ambiente, pode ser explorada de forma mais segura ou, por outro lado, estar sujeita a riscos como o *cyberbullying* e a exposição involuntária. Por isso, a inclusão de temas como cidadania digital e privacidade deve ser parte integrante da educação sexual, capacitando os jovens a navegarem de maneira responsável e informada nesse cenário.

A compreensão da sexualidade na adolescência também precisa incluir discussões sobre diversidade, gênero e inclusão. Judith Butler (1990) contribuiu significativamente para essa discussão ao apresentar a teoria da performatividade de gênero, que argumenta que o gênero é construído socialmente por meio de repetidas performances que consolidam normas culturais. Para Butler, essas normas podem ser desconstruídas, permitindo formas mais inclusivas de vivenciar o gênero e a sexualidade. Incorporar essa perspectiva na educação sexual é crucial para abordar as experiências de adolescentes que não se identificam com as normas binárias de gênero ou que enfrentam discriminação por conta de sua orientação sexual.

Nesse sentido, é imprescindível que os programas de educação sexual incluam debates sobre diversidade e inclusão, promovendo o respeito às diferentes vivências de gênero e sexualidade. Isso é corroborado por estudos como os de Britzman (2000), que destacam que o silêncio ou a marginalização de questões relacionadas à diversidade na educação

sexual podem perpetuar preconceitos e aumentar a vulnerabilidade de grupos já marginalizados. Assim, é necessário criar um espaço educativo que não apenas reconheça a diversidade, mas também celebre e respeite essas diferenças, preparando os jovens para um convívio social mais justo e equitativo.

A teoria de Albert Bandura (1977) também oferece uma perspectiva relevante para compreender como os adolescentes desenvolvem comportamentos saudáveis em relação à sexualidade. O conceito de autoeficácia, que se refere à crença na própria capacidade de alcançar objetivos e tomar decisões adequadas, é particularmente importante nesse contexto. Quando aplicado à sexualidade, isso significa capacitar os jovens a tomarem decisões informadas sobre sua saúde sexual, enfrentando pressões externas e evitando comportamentos de risco. Programas de educação sexual, que utilizam tecnologias digitais, podem ser projetados para fortalecer a autoeficácia, fornecendo ferramentas interativas e personalizadas que incentivem a autonomia e a reflexão crítica.

A integração de tecnologias digitais na educação sexual, conforme Jenkins (2006), pode ser especialmente útil para criar experiências educativas mais dinâmicas e engajantes. O conceito de cultura da convergência, proposto pelo autor, enfatiza a importância de combinar diferentes mídias e plataformas para enriquecer o processo de aprendizado. No contexto da sexualidade, isso pode incluir o uso de aplicativos que forneçam informações personalizadas, vídeos educativos que abordem temas sensíveis de maneira acessível e fóruns *on-line*, onde os jovens possam compartilhar experiências e tirar dúvidas de forma anônima e segura.

Contudo, é importante reconhecer que as tecnologias digitais também apresentam desafios significativos. Nessa perspectiva, a exposição a conteúdos inadequados, o consumo de informações imprecisas e a falta de regulamentação sobre o uso de dados pessoais são questões que precisam ser enfrentadas. Sob essa ótica, Orben (2020) destaca que o impacto do uso de telas na saúde mental dos adolescentes pode ser tanto positivo quanto negativo, dependendo do contexto e da qualidade das interações digitais. Por isso, os educadores devem estar preparados para orientar os jovens a utilizarem as tecnologias de forma crítica e responsável, promovendo um equilíbrio saudável entre o uso de ferramentas digitais e as interações no mundo *off-line*.

A saúde mental, aliás, é um componente essencial da sexualidade na adolescência. Estudos de Berk *et al.* (2018) mostram que a autoimagem está diretamente ligada ao bem-estar emocional e à qualidade das relações interpessoais. Nesse contexto, a educação sexual precisa abordar temas como autoestima, aceitação corporal e saúde emocional, ajudando os jovens a desenvolverem uma visão positiva de si mesmos. A inclusão de atividades práticas, como dinâmicas de grupo e exercícios de reflexão, pode ser uma estratégia eficaz para promover o autoconhecimento e fortalecer a resiliência emocional dos adolescentes.

Outra questão relevante é a importância do papel da família e da escola na construção de uma sexualidade saudável. Embora a escola seja frequentemente apontada como o principal espaço para a educação sexual, a família desempenha um papel igualmente importante, especialmente na transmissão de valores e na criação de um ambiente de apoio emocional. García e Rojas (2017) ressaltam que a colaboração entre escola e família é fundamental para garantir que os adolescentes recebam informações consistentes e adequadas às suas necessidades. Sob esse prisma, programas educativos que envolvem os pais no processo podem ajudar a reduzir resistências culturais e a criar um ambiente mais favorável para a aprendizagem.

Por fim, é necessário destacar que a educação sexual deve ser vista como um direito humano fundamental, conforme enfatizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Partindo desse pressuposto, garantir que todos os jovens tenham acesso a uma educação sexual abrangente, inclusiva e baseada em evidências é essencial para promover a igualdade de gênero, prevenir a violência sexual e reduzir as disparidades em saúde. Além disso, uma educação sexual de qualidade contribui para o desenvolvimento de sociedades mais equitativas e resilientes, nas quais os jovens têm as ferramentas necessárias para exercer sua sexualidade de forma segura, responsável e prazerosa.

A sexualidade na adolescência é um fenômeno complexo, influenciado por fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Com base nas perspectivas de Freud, Erikson, Foucault, Butler, Bandura e outros autores, fica evidente que a educação sexual precisa ir além dos métodos tradicionais, incorporando abordagens inovadoras que

dialoguem com a realidade dos adolescentes e aproveitem as oportunidades oferecidas pelas tecnologias digitais. Essa integração não apenas amplia o acesso à informação, mas também promove o desenvolvimento de competências críticas e o fortalecimento da autoestima, contribuindo para a formação de jovens mais conscientes, saudáveis e preparados para os desafios da vida adulta.

2.2. IDEIAS FUNDAMENTAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL

A percepção da sexualidade na adolescência pode ser enriquecida por diferentes contribuições teóricas. Sob essa perspectiva, Sigmund Freud (1905) destaca que essa etapa é crucial para reavaliar desejos e instintos sexuais, sendo essencial integrar esses impulsos emergentes à formação da identidade. Para Freud, esse momento é decisivo na resolução de conflitos psicosssexuais do passado, possibilitando um amadurecimento sexual equilibrado.

Erik Erikson (1968) complementa essas ideias ao apontar a adolescência como um período central na construção de uma identidade sexual saudável. Segundo Erikson, os jovens enfrentam uma "crise de identidade", na qual procuram compreender a si mesmos e seu papel na sociedade. A superação dessa crise resulta no desenvolvimento da virtude da fidelidade, definida como a capacidade de alinhar suas ações aos próprios valores e crenças, especialmente em relação à sexualidade.

Michel Foucault (1976), por sua vez, enfatiza que a sexualidade é moldada por discursos sociais e normas culturais. Ele destaca o papel da linguagem e da autoridade na definição dos comportamentos sexuais, apontando a educação sexual como um meio de capacitar os jovens a compreenderem e criticarem os discursos sociais que influenciam suas vivências. Essa abordagem fomenta uma visão mais autônoma e reflexiva sobre as escolhas relacionadas à sexualidade.

Albert Bandura (1977) acrescenta que a autoeficácia desempenha um papel essencial na educação sexual. Ele argumenta que acreditar na própria capacidade de agir, conforme os próprios desejos, é fundamental para manter comportamentos saudáveis. No contexto da

sexualidade, o fortalecimento da autoconfiança permite aos jovens tomarem decisões mais conscientes e positivas em relação à sua saúde sexual.

Essas contribuições teóricas fornecem uma base abrangente para compreender a sexualidade na adolescência. Freud destaca os aspectos psicosssexuais e os conflitos internos, enquanto Erikson foca na crise de identidade e na integração social. Foucault propõe uma análise crítica das influências culturais, e Bandura realça a importância da autoeficácia e da aprendizagem social.

Ao integrar essas perspectivas, é possível desenvolver programas de educação sexual mais eficazes. Nesse sentido, exemplos incluem:

- Programas interativos *on-line*: Baseados nas ideias de Bandura, utilizam vídeos, *quizzes* e fóruns para promover a autorreflexão e o engajamento ativo dos jovens.
- Ambientes educacionais inclusivos: Inspirados por Foucault, criam espaços seguros para discussões abertas sobre sexualidade, livres de julgamentos ou preconceitos.
- Apoio psicológico e orientação: Incorporando conceitos de Freud e Erikson oferecem suporte para ajudar os adolescentes a superar conflitos internos relacionados à identidade e à sexualidade.

Ao unir essas abordagens, a educação sexual transcende a mera transmissão de informações, promovendo o desenvolvimento de habilidades emocionais e interpessoais indispensáveis. Ademais, a incorporação de tecnologias pode potencializar essas estratégias, tornando o aprendizado mais acessível e significativo. Segundo autores como Buckingham (2007) e Boyd (2014), plataformas digitais oferecem ferramentas interativas que tornam a educação sexual mais envolvente e alinhada às demandas contemporâneas dos adolescentes.

A integração das tecnologias digitais na educação sexual vai além de uma simples atualização de métodos pedagógicos; trata-se de uma revolução no acesso e no formato de ensino. No entanto, para que essa integração seja eficaz, é necessário considerar as especificidades da adolescência, bem como os desafios que surgem no uso de tecnologias

nesse contexto. Como apontam Buckingham (2007) e Boyd (2014), o uso de plataformas digitais pode tornar o aprendizado mais dinâmico, engajador e adaptado às necessidades individuais, mas também apresenta desafios como a exposição a conteúdos impróprios ou a falta de alfabetização digital crítica. Por isso, a educação, sexual mediada por tecnologias, deve ser cuidadosamente planejada para aproveitar seus potenciais benefícios enquanto minimiza riscos.

Uma dimensão crucial desse planejamento é a criação de conteúdos digitais que sejam ao mesmo tempo informativos, inclusivos e envolventes. Plataformas interativas podem, por exemplo, usar simulações e histórias interativas que reflitam a diversidade de experiências de gênero e sexualidade, promovendo empatia e compreensão entre os jovens. Estudos como o de DeSmet *et al.* (2015) mostram que ferramentas digitais, que incluem narrativas interativas, têm maior impacto em mudanças comportamentais, pois permitem que os adolescentes vejam as consequências de suas escolhas em um ambiente seguro e sem julgamentos.

Além disso, a tecnologia oferece oportunidades únicas para personalizar a educação sexual, permitindo que os jovens aprendam no seu próprio ritmo e explorem os temas que consideram mais relevantes. Aplicativos educacionais podem incorporar testes diagnósticos que identifiquem lacunas no conhecimento e, em seguida, ofereçam conteúdos personalizados para abordá-las. Essa personalização é especialmente útil no contexto da sexualidade, no qual os níveis de conhecimento e conforto com os temas podem variar amplamente entre os adolescentes. Segundo Tapscott (2008), essa personalização é uma das maiores vantagens da "Geração Net", que prefere consumir conteúdos que dialoguem diretamente com suas experiências e interesses.

Contudo, é importante reconhecer que a eficácia de qualquer programa de educação sexual, digital ou tradicional depende de sua capacidade de engajar os adolescentes de maneira significativa e relevante. Como apontado por Jenkins (2006), em sua teoria da convergência midiática, as plataformas digitais podem criar espaços de aprendizagem colaborativa, onde os jovens não são apenas consumidores de informações, mas também criadores e partícipes ativos no processo educacional. Por exemplo, fóruns de discussão moderados por especialistas podem permitir que os adolescentes compartilhem suas

dúvidas, experiências e aprendam uns com os outros, promovendo uma sensação de pertencimento e validação.

Outro ponto fundamental para a implementação de uma educação sexual eficaz, mediada por tecnologias, é a capacitação de educadores. Assim, muitos professores relatam sentir-se despreparados para lidar com as complexidades da educação sexual, especialmente quando se trata de integrar ferramentas digitais. Por conseguinte, programas de formação continuada que abordem tanto os aspectos técnicos quanto pedagógicos do uso de tecnologias são essenciais. Segundo Livingstone *et al.* (2011), a eficácia da tecnologia na educação depende não apenas da ferramenta, mas também de como ela é implementada pelos educadores.

Além disso, é imprescindível que os programas de educação sexual levem em conta o contexto social e cultural no qual os adolescentes estão inseridos. Como apontado por Foucault (1976), a sexualidade é profundamente moldada pelas normas culturais e discursos de poder que definem o que é considerado "normal" ou "aceitável". Portanto, uma educação sexual que ignore essas dinâmicas corre o risco de reforçar preconceitos e desigualdades. Nesse sentido, as tecnologias digitais oferecem uma oportunidade única para introduzir perspectivas críticas e desafiadoras, que questionem as normas culturais opressoras e promovam uma visão mais inclusiva e equitativa da sexualidade.

Por exemplo, o uso de vídeos e histórias digitais que retratem a diversidade de experiências de gênero e orientação sexual pode ajudar a desconstruir estereótipos e promover o respeito à diversidade. Butler (1990) argumenta que a visibilidade é um passo crucial para a desconstrução de normas binárias e heteronormativas, e as tecnologias digitais oferecem uma plataforma poderosa para ampliar essa visibilidade. Contudo, é importante que esses conteúdos sejam desenvolvidos com sensibilidade cultural e que reflitam as realidades locais, para garantir que sejam relevantes e impactantes para os adolescentes.

Outro aspecto crucial da integração de tecnologias na educação sexual é a necessidade de abordar os riscos associados ao ambiente digital, como *cyberbullying*, exposição a conteúdos inadequados e violação de privacidade. Como destacado por Orben (2020), o impacto do uso de mídias digitais, na saúde mental dos adolescentes, pode ser tanto

positivo quanto negativo, dependendo de como essas tecnologias são utilizadas. Assim, a educação sexual deve incluir discussões sobre cidadania digital, privacidade e segurança *on-line*, capacitando os jovens a navegarem no ambiente digital de forma crítica e responsável.

A abordagem de Bandura (1977) sobre autoeficácia também é relevante nesse contexto. Ensinar os jovens a identificarem fontes confiáveis de informação, reconhecerem conteúdos prejudiciais e gerenciarem suas interações *on-line* pode fortalecer sua confiança em lidar com os desafios do ambiente digital. Por exemplo, aplicativos educacionais podem incluir módulos interativos que ensinem habilidades de pensamento crítico, como avaliar a credibilidade de uma fonte ou identificar sinais de manipulação em conteúdo *on-line*.

No entanto, a integração bem-sucedida de tecnologias na educação sexual também requer uma colaboração estreita entre educadores, pais e desenvolvedores de tecnologias. García e Rojas (2017) argumentam que uma abordagem colaborativa é essencial para criar programas que sejam ao mesmo tempo eficazes e culturalmente sensíveis. Por exemplo, os pais podem ser envolvidos no processo educacional por meio de *workshops* ou recursos *on-line* que expliquem os objetivos e métodos dos programas de educação sexual. Isso não apenas aumenta a aceitação dos programas, mas também cria uma rede de apoio mais ampla para os adolescentes.

Outrossim, é importante considerar que a educação sexual mediada por tecnologias não deve substituir completamente as interações presenciais. Como enfatizam Berk *et al.* (2018), as relações interpessoais são um componente essencial do desenvolvimento emocional e social dos adolescentes. Assim, os programas digitais devem ser vistos como complementares às abordagens presenciais, proporcionando recursos adicionais que enriquecem o aprendizado e oferecem suporte contínuo.

Por fim, a avaliação dos programas de educação sexual, mediada por tecnologias, é um aspecto que não pode ser negligenciado. Estudos longitudinais que acompanhem os adolescentes ao longo do tempo são essenciais para entender os impactos dessas intervenções e identificar áreas de melhoria. Além disso, a coleta de *feedback* direto dos

adolescentes pode fornecer *insights* valiosos sobre suas percepções e necessidades, ajudando a adaptar os programas de forma mais eficaz.

Em conclusão, as contribuições teóricas de Freud, Erikson, Foucault, Bandura, Butler e outros oferecem uma base sólida para o desenvolvimento de programas de educação sexual que integrem tecnologias digitais de forma eficaz. Contudo, a aplicação prática dessas ideias requer uma abordagem cuidadosa e colaborativa, que leve em conta as complexidades do ambiente digital e as necessidades específicas dos adolescentes. Com uma implementação bem planejada, as tecnologias digitais têm o potencial de transformar a educação sexual, promovendo um aprendizado mais inclusivo, dinâmico e impactante, que capacite os jovens a lidarem com os desafios da sexualidade e da cidadania digital de forma crítica e responsável.

2.3. DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período marcado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, durante o qual a sexualidade assume um papel central no desenvolvimento individual. Esse processo é multifacetado, influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais. Nesta seção, serão explorados aspectos do desenvolvimento da sexualidade na adolescência, com ênfase especial em questões de gênero e diversidade sexual, a partir das contribuições teóricas de Judith Butler e Michel Foucault.

Judith Butler, uma das principais teóricas contemporâneas, questiona as concepções tradicionais de gênero. Em sua obra seminal *Gender Trouble* (1990), Butler apresenta a teoria da performatividade de gênero, segundo a qual o gênero não é uma identidade fixa ou inerente, mas o resultado de atos repetitivos que são continuamente reforçados pelas normas sociais. Para Butler, a identidade de gênero é um fenômeno dinâmico, moldado por práticas culturais e sociais que estabelecem como os indivíduos devem expressar masculinidade ou feminilidade.

A perspectiva de Butler oferece implicações significativas para compreender a sexualidade na adolescência. Durante essa fase, os jovens exploram e afirmam suas identidades de gênero enquanto lidam com expectativas e pressões sociais. Reconhecer o

gênero como uma performance possibilita maior aceitação da diversidade e fluidez, permitindo que adolescentes experimentem formas de expressar sua identidade sem se restringirem a categorias rígidas ou binárias.

Michel Foucault, em *A História da Sexualidade* (1976), apresenta uma análise crítica sobre como a sexualidade é construída e regulada por práticas discursivas e institucionais. Foucault argumenta que a sexualidade não é meramente instintiva ou natural, mas um produto do discurso e do poder, com a sociedade exercendo controle sobre os corpos e desejos por meio de normas e regulamentações.

Para Foucault, a sexualidade é moldada pelos contextos históricos e culturais, nos quais as instituições sociais desempenham papel determinante. Na adolescência, os jovens internalizam e negociam essas normas, que influenciam profundamente a forma como percebem e expressam sua sexualidade. Sob esse olhar, a análise foucaultiana destaca a relevância de se compreender como instituições, como a educação e a mídia, impactam as percepções e as experiências sexuais dos adolescentes.

2.4. INTEGRAÇÃO DAS PERSPECTIVAS DE BUTLER E FOUCAULT NA EDUCAÇÃO SEXUAL

A integração das teorias de Judith Butler e Michel Foucault na educação sexual oferece uma abordagem mais abrangente e crítica. A teoria da performatividade de gênero de Butler fornece uma estrutura para compreender a diversidade e a fluidez das identidades de gênero, enquanto a análise de Foucault sobre poder e discurso evidencia como as normas sociais moldam as experiências sexuais.

Para os educadores, essas perspectivas apontam a importância de se criar ambientes de aprendizagem que valorizem a diversidade e incentivem a reflexão crítica sobre as normas de gênero e sexualidade. Sob essa abordagem, programas de educação sexual, baseados nessas teorias, podem ajudar os jovens a desenvolverem uma compreensão mais inclusiva e autônoma de sua sexualidade, promovendo respeito à diversidade e a capacidade de questionar e resistir a normas sociais restritivas.

Ao explorar os aspectos de gênero e diversidade sexual, através das lentes teóricas de Butler e Foucault, torna-se possível alcançar uma compreensão mais profunda e rica sobre o desenvolvimento da sexualidade na adolescência. Essas teorias desafiam as concepções tradicionais e binárias de gênero e sexualidade, ampliando o espaço para a diversidade e a fluidez que caracterizam as experiências dos jovens.

Integrar essas perspectivas na educação sexual é essencial para promover uma abordagem inclusiva e crítica, que ofereça suporte aos adolescentes em seu processo de autodescoberta e desenvolvimento saudável.

2.5. O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS EMERGENTES DURANTE A ADOLESCÊNCIA.

Com o avanço das tecnologias digitais, jovens que buscam informações e interações sociais têm se adaptado de maneira inovadora. Marc Prensky (2001) cunhou o termo "nativos digitais" para descrever a geração que cresceu imersa na tecnologia, considerando-a parte essencial de suas rotinas. Esses jovens vivenciam um mundo em que a tecnologia está constantemente presente, influenciando diversas áreas de suas vidas, incluindo a sexualidade (Prensky, 2001).

Sonia Livingstone (2008) destaca que a internet e as redes sociais digitais oferecem oportunidades únicas para a descoberta e a afirmação da identidade sexual. Por meio dessas plataformas, adolescentes podem se conhecer melhor, encontrar apoio em comunidades e explorar diferentes formas de interação (Livingstone, 2008). Entretanto, é importante reconhecer os desafios associados ao uso dessas tecnologias. Problemas como exclusão social, cyberbullying e pressão para aderir a padrões irreais podem afetar negativamente o desenvolvimento dos adolescentes (Boyd, 2014).

Livingstone tem se consolidado como uma referência no estudo da relação entre jovens e tecnologia, especialmente no que diz respeito ao impacto da *internet* e das redes sociais digitais. Sua pesquisa destaca como crianças e adolescentes interagem com as tecnologias digitais no cotidiano, explorando tanto os benefícios quanto os desafios.

Ao longo de sua carreira acadêmica, Livingstone analisou profundamente o uso de plataformas *on-line*, desde redes sociais digitais até aplicativos móveis, e o impacto dessas interações no desenvolvimento social, emocional e educacional dos jovens. Ela evidencia os benefícios educacionais e sociais da *internet*, mas também alerta sobre riscos como exposição a conteúdos inadequados, *cyberbullying* e impactos psicológicos decorrentes do uso excessivo da tecnologia.

Livingstone enfatiza a necessidade de uma educação digital eficaz, que capacite os jovens a navegarem com segurança pela vasta quantidade de informações disponíveis na *internet*. Além disso, ela defende a promoção de uma participação crítica e responsável no ambiente digital contemporâneo.

Por meio de estudos empíricos rigorosos e análises teóricas bem fundamentadas, Livingstone oferece *insights* valiosos para pais, educadores, legisladores e profissionais interessados em compreender como as tecnologias digitais moldam a vida dos jovens na era digital. Suas pesquisas vão além de documentar padrões de uso, propondo políticas e práticas que incentivem um uso equilibrado e positivo da tecnologia entre as novas gerações.

2.5.1. OPORTUNIDADES E RISCOS ON-LINE NA PERSPECTIVA DE SONIA LIVINGSTONE

Sonia Livingstone é amplamente reconhecida por suas pesquisas extensivas sobre os usos e impactos da *internet* entre jovens, explorando tanto as oportunidades quanto os desafios que o ambiente digital apresenta. Suas investigações abrangem uma ampla gama de questões, desde os benefícios educacionais e sociais proporcionados pela *internet* até os riscos e obstáculos enfrentados pelos jovens *on-line*.

Livingstone destaca que a *internet* oferece inúmeras oportunidades educacionais para os jovens. Nesse contexto, as plataformas digitais permitem o acesso a recursos educacionais variados, possibilitando um aprendizado contínuo e personalizado fora do ambiente escolar tradicional. Além disso, as redes sociais digitais viabilizam conexões entre pares, compartilhamento de interesses em comum e o desenvolvimento de habilidades de comunicação e colaboração.

A possibilidade de criar e compartilhar conteúdo *on-line* também empodera os jovens, permitindo-lhes expressar suas identidades e explorar novas áreas de interesse. Essas interações digitais promovem o desenvolvimento de competências tecnológicas essenciais para o futuro profissional dos adolescentes.

Contudo, Livingstone alerta para os riscos e os desafios que acompanham essas oportunidades. O *cyberbullying*, por exemplo, é uma preocupação central, envolvendo situações de intimidação, difamação e exclusão em plataformas digitais. Além disso, a exposição a conteúdos inadequados, como violência, pornografia e discursos de ódio, representa uma ameaça significativa à saúde emocional e psicológica dos adolescentes.

A questão da privacidade também é crítica. Muitos jovens podem não compreender completamente os riscos associados ao uso indiscriminado de redes sociais digitais e outras plataformas *on-line*, tornando-se vulneráveis ao compartilhamento não autorizado de informações pessoais e a potenciais consequências negativas para sua segurança e bem-estar.

Para reduzir esses riscos, Livingstone enfatiza a necessidade de uma educação digital eficaz. Nesse sentido, pais, educadores e legisladores desempenham um papel essencial ao fornecer orientação e recursos para capacitar os jovens a navegarem de maneira segura e responsável pela *internet*. Isso inclui o desenvolvimento de habilidades críticas de pensamento digital, a promoção de comportamentos éticos *on-line* e a criação de ambientes digitais que respeitem a diversidade e garantam a privacidade dos usuários.

Assim, a abordagem de Livingstone oferece uma análise abrangente dos impactos da *internet* na vida dos jovens, destacando tanto as oportunidades transformadoras quanto os desafios consideráveis que emergem nesse cenário digital em constante evolução. Suas pesquisas não apenas documentam as complexidades dessa interação, mas também fornecem diretrizes fundamentais para promover um uso equilibrado e saudável da tecnologia entre as novas gerações.

2.5.2. IMPACTO DAS TECNOLOGIAS EMERGENTES DURANTE A ADOLESCÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DE SONIA LIVINGSTONE

O avanço contínuo das tecnologias digitais, especialmente entre os jovens identificados como "nativos digitais" por Marc Prensky (2001), tornou a interação com plataformas *on-line* e redes sociais digitais uma parte essencial do cotidiano. Essa imersão digital não apenas redefine como os adolescentes buscam informações e se relacionam socialmente, mas também influencia diretamente suas percepções e experiências, incluindo o desenvolvimento da sexualidade (Prensky, 2001).

De acordo com Sonia Livingstone (2008), a internet e as mídias sociais digitais desempenham um papel fundamental na exploração da identidade sexual dos jovens. Essas plataformas oferecem um espaço potencialmente seguro para a autoexpressão, permitindo que os adolescentes explorem e experimentem diferentes aspectos de sua identidade por meio de interações *on-line* (Livingstone, 2008). No entanto, essas tecnologias também apresentam desafios significativos que devem ser considerados.

Os estudos de Livingstone destacam que o uso intensivo da *internet* e das mídias sociais pode impactar negativamente o bem-estar psicológico e a saúde mental dos jovens. Por conseguinte, a exposição constante a padrões irreais de beleza e estilos de vida promovidos no ambiente digital está associada a problemas como imagem corporal distorcida, ansiedade, depressão e até distúrbios alimentares (Livingstone, 2008).

Assim, a pressão para se adequar a esses padrões irreais, aliada à facilidade de comparação social proporcionada pelas redes sociais digitais cria um ambiente digital que pode ser prejudicial ao desenvolvimento emocional dos adolescentes (Boyd, 2014). Dessa forma, a sensação de inadequação e baixa autoestima, gerada pela exposição contínua a conteúdos idealizados *on-line*, tem sido amplamente documentada por pesquisadores da área, tornando-se uma preocupação crescente.

Diante disso, é essencial que pais, educadores e profissionais da saúde estejam atentos aos impactos negativos do uso intensivo das mídias sociais no bem-estar físico e mental dos jovens. Desenvolver estratégias de conscientização, prevenção e apoio a esse público vulnerável é uma medida necessária para mitigar os efeitos prejudiciais dessas plataformas digitais.

2.5.3. PAPEL DOS PAIS E DA ESCOLA

No contexto dos desafios relacionados ao uso intensivo das mídias sociais e da internet pelos jovens, os estudos de Sonia Livingstone destacam o papel crucial que pais, educadores e instituições de ensino desempenham na orientação e no apoio aos adolescentes. A pesquisadora enfatiza que estratégias educacionais e políticas públicas bem fundamentadas são essenciais para mitigar os diversos riscos associados a esse fenômeno, como cyberbullying, violações de privacidade on-line e problemas de saúde mental (Livingstone, 2008).

Nesse sentido, a promoção de uma educação digital eficaz capacita os jovens a navegarem de forma segura e consciente pela *internet*, além de prepará-los para tomar decisões informadas e éticas em um ambiente digital em constante evolução. Pais e escolas têm a responsabilidade de ensinar os adolescentes a desenvolverem habilidades críticas, como gerenciamento do tempo *on-line*, regulação emocional e estabelecimento de limites saudáveis para o uso da tecnologia.

Além disso, Livingstone ressalta a necessidade de pais e educadores estarem atentos aos sinais de problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, que podem estar associados ao uso excessivo das mídias sociais. Programas de conscientização e aconselhamento voltados para os jovens, aliados ao suporte de profissionais de saúde mental são fundamentais para prevenir e mitigar os impactos negativos desse fenômeno.

Assim, a pesquisa de Sonia Livingstone oferece uma perspectiva essencial para compreender os impactos multifacetados das tecnologias emergentes na adolescência. Ela evidencia a importância de uma abordagem colaborativa entre família, escola e comunidade para promover um desenvolvimento saudável e equilibrado na era digital.

O papel dos pais e da escola na orientação dos jovens quanto ao uso responsável das tecnologias digitais é um tema central na literatura acadêmica contemporânea sobre educação e saúde mental. Sonia Livingstone (2008) destaca que, em um contexto no qual os jovens estão constantemente conectados, o papel dos adultos como mediadores do uso da tecnologia vai além do controle direto. Eles precisam atuar como facilitadores de um

ambiente digital seguro e construtivo, capacitando os adolescentes a se tornarem usuários críticos e responsáveis.

A promoção de uma cidadania digital responsável é uma das principais responsabilidades compartilhadas entre pais e instituições educacionais. Livingstone (2014) sugere que, enquanto a escola deve fornecer uma base educacional robusta, com currículos que abordem explicitamente os desafios e oportunidades do ambiente digital, os pais têm o papel de reforçar esses aprendizados em casa. No entanto, essa tarefa não é simples, pois muitos pais não têm o mesmo nível de familiaridade com as tecnologias que seus filhos, o que pode dificultar a supervisão e o diálogo. Programas de formação para pais, que abordem temas como privacidade *on-line*, saúde digital e alfabetização midiática, podem ser soluções eficazes para reduzir essa lacuna.

Outrossim, a colaboração entre família e escola é essencial para criar um sistema de apoio abrangente que aborde tanto as questões técnicas quanto emocionais relacionadas ao uso das tecnologias pelos jovens. Como Bandura (1977) aponta em sua teoria da aprendizagem social, os jovens aprendem observando modelos em seu ambiente. Assim, a consistência entre as mensagens transmitidas pelos pais e pela escola pode fortalecer os valores e comportamentos desejados.

A escola, por sua vez, precisa atuar como um espaço onde os jovens possam discutir abertamente suas experiências digitais, sem medo de julgamento ou punição. Segundo Jenkins (2006), a convergência midiática trouxe novas formas de participação e expressão, especialmente para os adolescentes, mas também ampliou os desafios relacionados à exposição pública e à construção da identidade *on-line*. Nesse sentido, as instituições educacionais devem oferecer um currículo que inclua discussões críticas sobre o impacto das redes sociais digitais na autoimagem, na privacidade e nos relacionamentos interpessoais. Essas discussões precisam ser conduzidas de forma inclusiva, reconhecendo as diversas experiências e contextos dos alunos.

Uma abordagem eficaz é a integração de práticas de alfabetização digital no ensino de disciplinas regulares. Estudos de Buckingham (2007) mostram que, quando os jovens têm a oportunidade de explorar as implicações sociais e éticas do uso da tecnologia em diferentes áreas do conhecimento, eles desenvolvem uma compreensão mais ampla e

crítica sobre o ambiente digital. Por exemplo, um projeto interdisciplinar pode combinar aulas de ciências sociais, tecnologia e saúde para abordar temas como o impacto das redes sociais digitais na saúde mental e as estratégias para um uso mais equilibrado e consciente.

Além das escolas, a comunidade também desempenha um papel importante na promoção de um uso saudável das tecnologias digitais. Iniciativas comunitárias, como oficinas de cidadania digital ou programas de mentoria podem fornecer suporte adicional para jovens que enfrentam dificuldades específicas, como *cyberbullying* ou dependência digital. Segundo Boyd (2014), o envolvimento de diferentes setores da sociedade, incluindo organizações não governamentais e empresas de tecnologia, é essencial para criar um ecossistema digital mais seguro e inclusivo.

Um aspecto frequentemente negligenciado, mas de grande relevância, é a saúde mental dos adolescentes no contexto digital. Livingstone (2017) aponta que a pressão para se conformar aos padrões idealizados nas redes sociais digitais pode exacerbar problemas como ansiedade, depressão e baixa autoestima. Os pais e educadores devem ser capacitados para identificar os sinais de alerta desses problemas e intervir de forma apropriada. Por exemplo, a implementação de programas de apoio psicológico nas escolas, que incluam sessões individuais e em grupo para discutir o impacto das mídias digitais, pode ser uma estratégia eficaz para lidar com essas questões.

Além disso, os adolescentes também devem ser incentivados a refletir sobre seus próprios hábitos digitais e a desenvolver estratégias de autorregulação. A teoria da autoeficácia de Bandura (1977) é particularmente relevante aqui, pois sugere que os indivíduos que acreditam em sua capacidade de controlar suas ações têm mais probabilidade de adotar comportamentos saudáveis. Nesse sentido, ferramentas como diários digitais ou aplicativos de monitoramento de tempo de tela podem ajudar os jovens a avaliarem e ajustarem seus padrões de uso da tecnologia.

A pesquisa de Livingstone também destaca a importância de políticas públicas bem fundamentadas para apoiar as famílias e as escolas nesse esforço conjunto. Governos e legisladores têm a responsabilidade de criar regulamentos que protejam os jovens de riscos *on-line*, como a coleta inadequada de dados pessoais e a exposição a conteúdos

prejudiciais. Além disso, programas nacionais de alfabetização digital podem garantir que todos os jovens tenham acesso às habilidades e aos conhecimentos necessários para navegar no ambiente digital com segurança e responsabilidade.

Por fim, é importante reconhecer que o papel dos pais e da escola na orientação dos jovens no uso da tecnologia não é estático, mas evolui à medida que as tecnologias e as práticas digitais mudam. Isso exige um compromisso contínuo com a aprendizagem e a adaptação, tanto por parte dos adultos quanto dos próprios jovens. Como argumenta Castells (2009), estamos vivendo em uma "sociedade em rede", na qual a interação com a tecnologia é inevitável e, portanto, deve ser abordada de forma estratégica e colaborativa.

Em conclusão, o papel dos pais e da escola no uso responsável das tecnologias digitais pelos adolescentes é multifacetado e essencial. A pesquisa de Livingstone e outros teóricos oferece *insights* valiosos sobre como criar um ambiente digital mais seguro e enriquecedor para os jovens. Ao combinar esforços entre família, escola e comunidade, é possível promover não apenas a alfabetização digital, mas também o bem-estar emocional e social dos adolescentes, preparando-os para enfrentar os desafios e as oportunidades de um mundo cada vez mais conectado.

2.5.4. IDEIAS TEÓRICAS PARA O ENSINO DA SEXUALIDADE

Os avanços tecnológicos têm proporcionado recursos diversificados que se mostram altamente construtivos no ensino da sexualidade. Ferramentas como aplicativos educativos, plataformas *on-line* e redes sociais digitais facilitam o acesso a informações e debates sobre o tema. Estudos de Buckingham (2007) e Boyd (2014) destacam a eficácia dessas tecnologias em envolver os jovens de maneira inovadora, promovendo abordagens personalizadas e adaptadas às necessidades individuais dos alunos (Buckingham, 2007; Boyd, 2014). Sob a ótica do Construtivismo Social de Vygotsky (1978), a educação é entendida como um processo colaborativo, no qual as tecnologias mediadas pela mídia desempenham um papel crucial (Vygotsky, 1978).

Segundo Sigmund Freud (1905), a adolescência é um estágio crítico para a revisão e integração dos desejos e impulsos despertados nessa fase, os quais contribuem para a

formação da identidade emergente do jovem. Para Freud, esse período é essencial para a resolução de conflitos psicológicos relacionados à sexualidade e às pressões sociais.

Erik Erikson (1968) complementa essa visão ao apontar a adolescência como uma fase crucial para a construção da identidade. Ele argumenta que, durante esse período, os jovens buscam compreender a si mesmos e seu papel no mundo, conciliando suas identidades emergentes com as expectativas sociais. A superação dessa crise resulta no desenvolvimento da virtude da fidelidade, que consiste na capacidade de alinhar valores pessoais e sociais, incluindo aqueles relacionados à sexualidade.

Michel Foucault (1976) avança nessa discussão ao destacar que a sexualidade é profundamente influenciada por normas sociais, nas quais o discurso e o poder desempenham papéis centrais. Foucault defende que a educação sexual deve capacitar os jovens a reconhecerem e questionarem os discursos sociais que moldam suas experiências, promovendo uma reflexão crítica sobre suas escolhas e vivências.

Albert Bandura (1977), por sua vez, enfatiza a importância da autoconfiança na educação sexual. Ele argumenta que acreditar na própria capacidade de agir conforme desejado é essencial para manter comportamentos saudáveis. Aplicando essa ideia à sexualidade, ações que promovam autoestima e autonomia são fundamentais para ajudar os jovens a tomarem decisões positivas e conscientes em relação a sua saúde sexual.

2.5.5. CONJUGAÇÃO DO CONHECIMENTO TEÓRICO COM A EXECUÇÃO PRAGMÁTICA

A integração de recursos digitais ao processo educacional não apenas amplia a consciência de si e o autocuidado, mas também promove um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. A teoria da autoeficácia de Bandura (1977) destaca que a confiança na capacidade individual de realizar ações é essencial para uma conduta saudável. Ao aplicar esse conceito, é possível fortalecer a autoconfiança dos jovens, fomentando uma autoestima positiva e incentivando a adoção de práticas saudáveis relacionadas à saúde sexual (Bandura, 1977).

A inclusão de ferramentas *on-line*, como exemplificado em iniciativas como a de plataformas educacionais inglesas, ilustra como a tecnologia pode personalizar o ensino, respeitando as particularidades individuais de cada aluno e seu processo de desenvolvimento. Isso se torna ainda mais relevante em um contexto no qual os adolescentes estão expostos a uma ampla gama de informações, muitas vezes contraditórias, sobre sexualidade (Buckingham, 2007).

Para implementar uma educação sexual eficaz e responsável, utilizando tecnologias emergentes, algumas estratégias podem ser adotadas, tais como:

- Utilização Estratégica de Plataformas *On-line* e Aplicativos Educacionais: É essencial selecionar cuidadosamente plataformas e aplicativos que ofereçam conteúdo confiável e interativo. Esses recursos devem estar alinhados com os objetivos pedagógicos e ser acessíveis a todos os alunos, independentemente de localização ou acesso tecnológico.
- Aproveitamento das Redes Sociais Digitais de Forma Orientada: As redes sociais digitais podem ser utilizadas para promover discussões saudáveis sobre sexualidade, criando um espaço seguro, onde os jovens possam compartilhar experiências e debater questões de forma construtiva.

2.6. IDEIAS TEÓRICAS PARA O ENSINO DA SEXUALIDADE

A aplicação de recursos tecnológicos diversificados tem se mostrado altamente construtiva no ensino da sexualidade. Ferramentas como aplicativos educativos, plataformas *on-line* e redes sociais digitais facilitam o acesso a informações e a debates sobre o tema, envolvendo os jovens de maneira inovadora e promovendo abordagens de ensino personalizadas (Buckingham, 2007; Boyd, 2014). Sob a perspectiva do Construtivismo Social de Vygotsky (1978), a educação é entendida como um processo colaborativo, no qual as tecnologias mediadas pela mídia desempenham um papel significativo.

Monitorar e mediar as interações *on-line* é fundamental para prevenir riscos, como o *cyberbullying*, garantindo que as discussões sejam construtivas e respeitadas. A integração de tecnologias em metodologias, como a aprendizagem baseada em problemas

e a construção de projetos, incentiva a participação ativa dos alunos. Isso promove a colaboração entre os estudantes e permite que eles explorem questões de sexualidade de forma investigativa e criativa.

Capacitar os educadores para o uso eficaz e seguro de tecnologias educacionais enriquece o ensino da sexualidade de maneira ética e significativa. Além disso, incentivar os adolescentes a desenvolverem habilidades críticas para avaliar a qualidade e veracidade das informações *on-line* os prepara para tomar decisões informadas e conscientes sobre sua saúde sexual.

Ao integrar os fundamentos teóricos de Freud, Erikson, Foucault e Bandura às práticas inovadoras no uso de tecnologias emergentes, é possível criar uma abordagem educacional que vá além de informar. Essa abordagem capacita os adolescentes a compreenderem e gerenciarem sua sexualidade de forma saudável e responsável, promovendo um desenvolvimento psicossocial e sexual positivo.

2.7. TECNOLOGIAS ELETRÔNICAS COMO INSTRUMENTOS DE APRENDIZAGEM

As ferramentas digitais têm o potencial de se tornarem aliadas no ensino sobre sexualidade nas escolas, oferecendo plataformas acessíveis e interativas para a troca de conhecimento. Recursos educativos, vídeos *on-line* e redes sociais digitais disponibilizam informações confiáveis sobre sexualidade, permitindo que os jovens aprendam de forma segura e controlada.

É essencial analisar a relação entre educação e sexualidade, integrando-a ao uso de tecnologias digitais para aprimorar a experiência de aprendizagem de maneira eficiente, envolvente e relevante no contexto escolar. Nesse cenário, as tecnologias digitais exercem um impacto significativo, principalmente ao estimular o pensamento crítico, adaptando-se à conectividade constante dos estudantes, o que torna o ensino sem tecnologia praticamente inviável. Cabe aos docentes orientarem os alunos mais jovens a desenvolverem métodos eficazes para assimilar conteúdos e adquirir habilidades que promovam o aprimoramento de seus conhecimentos (Trindade & Moreira, 2017).

O uso de tecnologia na educação facilita a aprendizagem, tornando-a mais interativa e atraente. Como também, prepara os estudantes para a fluência tecnológica e para o uso da realidade virtual, competências indispensáveis em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo (Fagundes & Zank, 2015, p. 101).

Segundo Buckingham (2007) e Boyd (2014), as plataformas *on-line* possuem a capacidade de engajar os jovens de maneira inovadora, tornando o aprendizado mais atrativo e personalizado. Assim, materiais educativos não apenas informam, mas também despertam a curiosidade dos jovens, motivando-os a explorar e compreender a sexualidade de forma crítica e esclarecida.

A importância do ensino colaborativo é reforçada pela teoria do Construtivismo Social de Vygotsky (1978). Nesse contexto, a tecnologia desempenha um papel central ao fortalecer a interação entre os jovens, promovendo a construção e assimilação compartilhada do conhecimento (Vygotsky, 1978).

Com base na teoria de Bandura (1977) sobre autoconfiança, observa-se que a confiança dos jovens em sua capacidade de tomar decisões é crucial para estimular atitudes saudáveis. A introdução de recursos tecnológicos no ensino da sexualidade oferece suporte essencial para fortalecer essa autoconfiança, promovendo o desenvolvimento do autoconhecimento e da autonomia.

É indispensável que a integração das novas tecnologias na educação sexual seja realizada de forma adequada e direcionada à faixa etária correta. Sob essa perspectiva, é fundamental criar um ambiente virtual seguro e inclusivo, onde os estudantes possam discutir e aprender sobre questões relacionadas à sexualidade. Além disso, é necessário monitorar e ajustar continuamente as estratégias digitais, garantindo que elas estejam alinhadas às necessidades em evolução dos jovens e promovam seu bem-estar de maneira abrangente.

2.7.1. PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES

A compreensão do desenvolvimento da sexualidade na adolescência e a implementação de programas eficazes de educação sexual demandam uma abordagem interdisciplinar que integre contribuições de diversas áreas do conhecimento. Este referencial teórico

incorpora perspectivas da psicologia, sociologia, antropologia, estudos de gênero e tecnologias digitais, proporcionando uma visão abrangente e crítica sobre o tema.

A adolescência é marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, nas quais a sexualidade assume um papel central no desenvolvimento individual. Esse processo, ao mesmo tempo complexo e multifacetado, é influenciado por uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais, que interagem para moldar a experiência única de cada jovem.

2.7.2. ASPECTOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

Judith Butler, em *Gender Trouble* (1990), apresenta a teoria da performatividade de gênero, argumentando que o gênero não é uma identidade fixa ou inerente, mas uma construção resultante de atos repetitivos e performativos, continuamente reforçados pelas normas sociais. Butler enfatiza que a identidade de gênero é dinâmica, sendo moldada por práticas culturais e sociais que estabelecem como os indivíduos devem expressar sua masculinidade ou feminilidade.

Na adolescência, os jovens exploram e afirmam suas identidades de gênero em meio a expectativas e pressões sociais. Reconhecer o gênero como uma performance possibilita que os adolescentes experimentem diferentes formas de expressar sua identidade, sem se limitarem a categorias rígidas e binárias, promovendo maior liberdade e aceitação da diversidade.

2.8. MICHEL FOUCAULT E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE

Michel Foucault, em *A História da Sexualidade* (1976), apresenta uma análise crítica sobre como a sexualidade é construída e regulada por meio de práticas discursivas e institucionais. Segundo Foucault, a sexualidade é um produto do discurso e do poder, através dos quais a sociedade exerce controle sobre os corpos e desejos dos indivíduos, estabelecendo normas e regulamentações.

Durante a adolescência, os jovens internalizam e negociam essas normas e expectativas sociais, o que influencia profundamente como percebem e expressam sua sexualidade. Foucault enfatiza a necessidade de compreender como instituições, como a educação e a mídia, moldam as percepções e experiências sexuais dos adolescentes, determinando seus comportamentos e formas de interação social.

2.9. MODELOS E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

A educação sexual nas escolas deve ser abrangente e inclusiva, abordando não apenas os aspectos biológicos da sexualidade, mas também os emocionais, sociais e culturais.

A educação sexual integral é uma abordagem que busca oferecer aos jovens informações precisas e completas sobre sexualidade, promovendo o desenvolvimento de habilidades e atitudes que permitam tomar decisões informadas e responsáveis sobre sua saúde sexual. Essa abordagem inclui discussões sobre consentimento, relacionamentos saudáveis, identidade de gênero e diversidade sexual.

As estratégias para implementar a educação sexual integral podem incluir metodologias participativas, atividades interativas e o uso de recursos digitais que facilitem o aprendizado. Programas que incorporam essas estratégias tendem a engajar os estudantes de maneira mais efetiva, promovendo uma compreensão crítica e aprofundada da sexualidade.

2.10. USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Danah Boyd, em seus estudos sobre mídias sociais, analisa como essas plataformas influenciam a socialização dos adolescentes e moldam suas percepções sobre a sexualidade. As redes sociais digitais oferecem um espaço para que os jovens explorem e expressem suas identidades, mas também apresentam riscos relacionados à privacidade e à exposição a conteúdos inadequados.

Henry Jenkins, em *Convergence Culture* (2006), explora como a convergência das mídias cria possibilidades de participação e aprendizado. No contexto da educação sexual, isso significa que os educadores podem utilizar diferentes plataformas digitais para criar experiências de ensino mais engajadoras e interativas, que conectem os jovens de forma eficaz aos temas abordados.

2.11. PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR INTEGRAL DOS ADOLESCENTES

A promoção da saúde e do bem-estar integral dos adolescentes é essencial para seu desenvolvimento saudável. A educação sexual desempenha um papel crucial ao fomentar a autoestima e as práticas de autocuidado entre os jovens. Programas que abordam temas como identidade, consentimento e relacionamentos saudáveis ajudam a construir uma visão positiva de si mesmos e a tomar decisões informadas sobre sua saúde sexual e emocional.

Integrar perspectivas sobre gênero e diversidade sexual, aliadas ao uso de recursos digitais e estratégias pedagógicas eficazes possibilita uma abordagem abrangente para a educação sexual. Incorporar essas práticas ao ambiente escolar é indispensável para promover um aprendizado inclusivo e informativo, apoiando o desenvolvimento responsável dos jovens.

Pesquisadoras como Sonia Livingstone e Danah Boyd são referências no estudo da interação entre jovens, sexualidade e mídias digitais, oferecendo insights valiosos para a formulação de estratégias educacionais mais eficazes. Ambas destacam a importância de uma abordagem holística, que vá além da informação, promovendo empoderamento, respeito à diversidade e atitudes saudáveis em relação à sexualidade (Livingstone, 2008; Boyd, 2014).

Livingstone e Boyd argumentam que a educação sexual abrangente ajuda os adolescentes a lidarem de maneira positiva com as complexidades da sexualidade e da identidade no ambiente digital. Ao fornecer informações precisas e não moralizantes, essa abordagem

incentiva os jovens a desenvolverem uma compreensão mais saudável e profunda sobre seus corpos, desejos e relacionamentos.

A alfabetização digital crítica, proposta por Livingstone, ensina os jovens a avaliarem de forma crítica o conteúdo relacionado à sexualidade e à identidade encontrados no ambiente *on-line*. Isso inclui discernir entre representações realistas e idealizadas, promovendo uma análise mais ampla sobre as narrativas e contextos digitais (Livingstone, 2008). Essas habilidades ajudam a evitar a internalização de padrões irreais e permitem reconhecer os interesses comerciais e ideológicos por trás do conteúdo consumido.

Boyd enfatiza o desenvolvimento de habilidades de autorregulação, capacitando os jovens a monitorarem e gerenciarem seu uso das mídias digitais. Esse controle é crucial para equilibrar a exploração da sexualidade *on-line* com o bem-estar geral (Boyd, 2014). Ambas destacam a importância de criar redes de apoio, envolvendo pais, educadores e profissionais de saúde, proporcionando ambientes seguros para os jovens discutirem suas experiências e preocupações relacionadas à sexualidade digital (Livingstone, 2008; Boyd, 2014).

Além disso, a implementação de políticas claras nas escolas e comunidades é vital para promover o uso responsável das mídias digitais. Essas políticas devem focar tanto na proteção contra conteúdos prejudiciais quanto no estímulo a interações *on-line* positivas, conforme diretrizes propostas por Livingstone (2008).

Ao integrar as recomendações de Livingstone e Boyd, pode-se construir uma abordagem educacional abrangente que prepare os jovens para navegar com segurança e saúde em questões de sexualidade e de identidade no ambiente digital. Essa perspectiva multifacetada educa e capacita os adolescentes a se tornarem usuários críticos e responsáveis das mídias digitais, promovendo seu desenvolvimento integral.

Na interseção entre sexualidade, identidade e plataformas digitais, autores como Meg-John Barker, Jessie Daniels, Lisa Nakamura, Susanna Paasonen e Michele White contribuem com análises críticas e abrangentes. Meg-John Barker, em obras como *The*

Psychology of Sex (2018) e *Queer: A Graphic History* (2016), desafia normas estabelecidas e promove uma visão inclusiva das experiências sexuais e de gênero.

Jessie Daniels, em *Cyber Racism* (2009), explora como estruturas de poder influenciam as dinâmicas de identidade *on-line*, oferecendo estratégias para resistir e transformar essas assimetrias. Lisa Nakamura, em *Digitizing Race* (2008), analisa as interações entre raça e identidade nas plataformas digitais, destacando como a cultura visual e a tecnologia moldam essas representações.

Susanna Paasonen, em *Many Splendored Things* (2011), examina como práticas sexuais e identidades de gênero são transformadas pelas mídias digitais, desafiando conceitos tradicionais. Michele White, em *The Body and the Screen* (2006), investiga como as plataformas digitais refletem e moldam experiências corporais e sexuais.

Essas obras oferecem uma base teórica robusta para compreender como as mídias digitais não apenas refletem, mas moldam experiências de sexualidade e de identidade de gênero. Elas ressaltam a importância de uma abordagem crítica para interpretar as interações humanas mediadas pela tecnologia, promovendo uma compreensão mais ampla das dinâmicas contemporâneas.

2.12. DIREITOS DIGITAIS E O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS POR CRIANÇAS E JOVENS

O estudo de Livingstone e Third (2017) aborda uma questão contemporânea e crucial: os direitos das crianças e adolescentes no ambiente digital. Os autores defendem que, com o avanço das tecnologias digitais, é necessário reconsiderar e expandir o entendimento sobre os direitos dos jovens nesse contexto. Isso abrange aspectos como privacidade, segurança, interação e capacitação no mundo *on-line*.

Embora progressos tenham sido feitos em segurança e instrução digital, especialistas apontam lacunas significativas na proteção e promoção dos direitos digitais de jovens e adolescentes. Ressalta-se a urgência de criar uma agenda de estudos e de políticas

governamentais que priorizem esses direitos nas discussões sobre o uso de tecnologias pela nova geração.

Nesse sentido, a reflexão proposta por Livingstone e Third (2017) é fundamental para a pesquisa, pois contribui para a compreensão da relação entre direitos digitais e o uso de tecnologias por jovens. Tal perspectiva é essencial para avaliar as consequências e os desafios enfrentados por esse grupo na *internet*, além de subsidiar a criação de medidas de fortalecimento e segurança.

O estudo também apresenta uma abordagem global e multidisciplinar, integrando áreas como educação, sociologia, direitos humanos e políticas públicas. Essa visão abrangente enriquece a base teórica da pesquisa, permitindo uma análise mais detalhada e contextualizada dos direitos digitais e dos procedimentos educacionais voltados para jovens e adolescentes.

2.12.1. USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS POR CRIANÇAS E JOVENS

O relatório Net Children Go Mobile, elaborado por Mascheroni e Cuman (2014), apresenta informações recentes sobre o uso de dispositivos móveis por crianças e adolescentes na Europa. Este documento é crucial para a pesquisa, uma vez que oferece dados relevantes sobre os hábitos e as formas de acesso e de utilização de tecnologias móveis por esse público.

Os autores analisam como a disseminação de *smartphones*, *tablets* e outros aparelhos móveis têm impactado a rotina de crianças e adolescentes, abordando questões como frequência de uso, atividades realizadas, desafios enfrentados e oportunidades oferecidas. O relatório destaca o crescimento significativo do acesso à *internet* por meio de dispositivos portáteis, evidenciando implicações para a proteção, a privacidade e a saúde mental dessa faixa etária.

Além disso, o documento sugere medidas governamentais e planos para incentivar um uso mais consciente e seguro desses dispositivos por crianças e adolescentes. Tais

diretrizes são fundamentais para embasar a formulação de ações e políticas públicas que atendam às demandas e aos contextos específicos desse grupo.

A pesquisa adota uma abordagem abrangente, incorporando aspectos tecnológicos, sociais, educacionais e de saúde, o que fortalece sua base teórica. Com uma visão europeia e informações atualizadas, o relatório *Net Children Go Mobile* contribui para a compreensão dos desafios e cenários enfrentados por crianças e adolescentes ao utilizarem dispositivos móveis, possibilitando uma análise mais detalhada e contextualizada sobre o tema.

2.12.2. O USO DE TECNOLOGIAS ONLINE POR CRIANÇAS E JOVENS NA EUROPA

O estudo de Ólafsson, Livingstone e Haddon (2013) apresenta uma análise detalhada sobre o uso de plataformas *on-line* por crianças e adolescentes na Europa. Essa investigação é essencial para fundamentar academicamente a pesquisa, pois oferece uma visão atualizada sobre as interações, os hábitos e os desafios relacionados ao acesso e uso da *internet* e de outras tecnologias digitais por esse público.

Os autores examinam diversos aspectos da relação entre crianças, adolescentes e tecnologias *on-line*, incluindo os dispositivos utilizados, as atividades realizadas, as habilidades digitais adquiridas, bem como as oportunidades e os riscos envolvidos. Essa análise minuciosa contribui para compreender os fatores que influenciam a interação desse grupo com o universo digital, sendo fundamental para a construção da base teórica da pesquisa.

Ademais, o estudo avalia medidas e projetos da União Europeia voltados à promoção de um uso saudável e positivo das tecnologias por jovens e adolescentes. Essas estratégias governamentais e normativas enriquecem a fundamentação teórica, ao demonstrar as ações implementadas em diferentes regiões da Europa para enfrentar os desafios em constante transformação nesse campo.

A abordagem interdisciplinar e a coleta de informações de vários países conferem ao estudo de Ólafsson, Livingstone e Haddon (2013) uma relevância global, tornando-o uma

fonte de grande importância para a pesquisa. A avaliação abrangente do uso de tecnologias *on-line* por crianças e adolescentes fornece uma base sólida para compreender esse fenômeno em um contexto mais amplo e dinâmico.

2.12.3. IMPACTOS DO USO DE TELAS E MÍDIAS SOCIAIS POR ADOLESCENTES

O estudo de Orben (2020) apresenta uma análise detalhada da literatura sobre os efeitos do uso de dispositivos eletrônicos e redes sociais digitais por adolescentes, um tema essencial para fundamentar a pesquisa em questão. A autora realiza uma revisão abrangente dos estudos mais relevantes na área, oferecendo uma visão atualizada sobre como essas práticas impactam a saúde e o bem-estar dos jovens.

A análise aborda diversos aspectos relacionados ao uso de telas e redes sociais digitais, incluindo a frequência desses hábitos, os pontos positivos e negativos envolvidos e as implicações para o bem-estar mental e o desenvolvimento dos adolescentes. Esse estudo detalhado contribui significativamente para compreender tanto os desafios quanto os benefícios associados ao uso de tecnologias digitais por essa faixa etária.

Orben (2020) também discute as limitações e lacunas presentes na literatura atual, destacando a necessidade de estudos futuros que utilizem metodologias mais robustas e de longo prazo para aprofundar o conhecimento sobre o tema. Essa abordagem crítica é essencial para orientar a pesquisa, permitindo uma interpretação mais fundamentada dos resultados e apontando direções para novos estudos.

Além disso, a autora enfatiza a importância de considerar o contexto social, cultural e individual ao avaliar as consequências do uso de dispositivos eletrônicos e redes sociais digitais pelos jovens. Essa perspectiva abrangente, que integra múltiplos fatores que influenciam a interação dos adolescentes com a tecnologia digital, enriquece a base teórica da pesquisa e possibilita uma análise mais completa desse fenômeno.

2.12.4. IMPACTOS DO USO DE TELAS E MÍDIAS SOCIAIS POR ADOLESCENTES

Segundo a revisão de Orben (2020), algumas das principais lacunas e limitações na literatura sobre o uso de telas e mídias sociais por adolescentes incluem a necessidade de abordagens mais nuançadas e longitudinais, a consideração do contexto individual e social, a complexidade dos fenômenos e as divergências nos resultados existentes.

Quanto à necessidade de abordagens mais nuançadas e longitudinais, muitos estudos utilizam delineamentos transversais, o que limita a compreensão dos efeitos ao longo do tempo. Orben destaca a importância de pesquisas longitudinais que acompanhem adolescentes por períodos prolongados, oferecendo uma visão mais detalhada sobre os impactos a longo prazo do uso de telas e mídias sociais.

Em relação ao contexto individual e social, a maioria dos estudos concentra-se nos efeitos diretos do uso de tecnologia, sem explorar adequadamente os fatores contextuais que podem moderar esses impactos. Aspectos como personalidade, apoio social e condições socioeconômicas precisam ser melhor integrados às investigações, proporcionando análises mais completas e precisas.

A complexidade dos fenômenos também é um ponto de atenção. O uso de telas e mídias sociais envolve uma diversidade de comportamentos e atividades, cuja relação com o bem-estar e a saúde pode ser multifacetada. Orben enfatiza a necessidade de superar abordagens simplistas que tratam o uso de tecnologia de maneira uniforme, adotando perspectivas que considerem a complexidade e a diversidade dos comportamentos digitais.

Outrossim, divergências nos resultados das pesquisas dificultam a obtenção de conclusões robustas. Inconsistências e contradições entre estudos indicam a necessidade de investigações adicionais para esclarecer os padrões de associação entre o uso de telas e mídias sociais e diversos indicadores de saúde e desenvolvimento.

As lacunas identificadas por Orben (2020) reforçam a necessidade de pesquisas futuras que adotem abordagens mais sofisticadas, considerando a complexidade dos fenômenos e o papel do contexto na análise dos impactos das tecnologias digitais. Investigações que

abordem essas limitações são fundamentais para desenvolver estratégias e políticas mais eficazes na promoção de um uso saudável e positivo das tecnologias digitais por adolescentes.

2.12.5. CIDADANIA DIGITAL E PARTICIPAÇÃO ONLINE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Compreender o conceito de cidadania digital é essencial para analisar como crianças e jovens se engajam no mundo *on-line*. Segundo Pedro (2021), cidadania digital refere-se ao "exercício de direitos e deveres no ambiente digital, incluindo a participação ativa, o desenvolvimento de habilidades e a prática de comportamentos seguros e éticos". Assim, destaca-se a importância de adquirir habilidades específicas para exercer plenamente a cidadania no meio digital.

Os desafios enfrentados por jovens em relação à cidadania digital são variados e relevantes. Pedro (2021) identifica dificuldades como a proteção de dados, segurança *on-line* e domínio tecnológico como obstáculos significativos. A falta de conhecimento e habilidades para usar a *internet* de forma segura e consciente pode prejudicar a participação ativa dos jovens. Portanto, é essencial identificar os principais riscos e entraves que impedem o pleno exercício da cidadania digital.

Por outro lado, a presença *on-line* oferece oportunidades significativas para o progresso e integração social. Pedro (2021) destaca que as plataformas digitais permitem novas formas de comunicação, conexão e acesso a informações. Além disso, a participação virtual pode promover inclusão social, especialmente para comunidades desfavorecidas, ampliando oportunidades de liderança e protagonismo.

É necessário adotar uma visão equilibrada e contextualizada sobre o uso das tecnologias por jovens. Como argumenta Pedro (2021), tanto as dificuldades quanto as possibilidades da participação *on-line* devem ser consideradas para fundamentar políticas e estratégias públicas que promovam uma cidadania digital plena e significativa.

O crescente uso de tecnologias digitais torna urgente o debate sobre a cidadania digital e o envolvimento *on-line* dos jovens. Analisar essa realidade é essencial para sugerir

medidas que assegurem seus direitos, segurança e desenvolvimento integral no mundo digital (Pedro, 2021).

A investigação de abordagens teóricas sobre cidadania na era digital, assim como a análise dos obstáculos e dos benefícios da participação *on-line* para jovens é crucial para embasar a presente dissertação. Este debate amplia a compreensão das interações relacionadas à cidadania digital, proporcionando um panorama mais completo e contextualizado.

A revisão da literatura realizada nesta seção fornece uma base teórica sólida para explorar os desafios e as oportunidades da cidadania digital de crianças e adolescentes. Como discutido, a cidadania digital exige o exercício de direitos e responsabilidades *on-line*, o que demanda o desenvolvimento de habilidades específicas. Não obstante, os jovens enfrentam barreiras como questões de privacidade, segurança e alfabetização digital, que podem limitar seu engajamento pleno.

Por outro lado, a participação *on-line* apresenta oportunidades importantes, como novos canais de expressão, interação e inclusão social. Reconhecer tanto os desafios quanto as possibilidades desse contexto é fundamental para desenvolver estratégias e políticas públicas que promovam uma cidadania digital segura e significativa para crianças e adolescentes.

O referencial teórico aqui apresentado, fundamentado em uma revisão abrangente da literatura, é essencial para orientar a análise empírica e o desenvolvimento da dissertação. Ele permite uma compreensão aprofundada dos desafios e das oportunidades no contexto da cidadania digital, preparando o caminho para uma investigação mais completa e contextualizada sobre o engajamento digital de crianças e adolescentes.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO E ABORDAGEM DA PESQUISA

Esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e analítico. Segundo a fundamentação teórica que sustenta este estudo, a compreensão dos fenômenos sociais, como a sexualidade na adolescência, exige uma análise que vá além da mensuração numérica, buscando interpretar os sentidos e as percepções atribuídos pelos sujeitos às suas vivências mediadas pelas tecnologias digitais. O caráter analítico manifesta-se no esforço de confrontar os dados empíricos com o referencial teórico de Castells (2003) e Lévy (1999) sobre a cultura digital, e de Foucault (1976) sobre a construção social da sexualidade.

3.2 CONTEXTO DO ESTUDO E PARTICIPANTES

O estudo foi realizado na Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira. Os participantes da pesquisa foram estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Esta amostra justifica-se por tratar-se de um grupo inserido na chamada "Geração Net", que vivencia a fase da adolescência (12 a 18 anos conforme o ECA) e utiliza intensivamente as tecnologias digitais em seu cotidiano.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, elaborado com base em uma revisão da literatura sobre sexualidade e o uso de tecnologias digitais. O questionário, aplicado pelo *Google* Formulário, foi composto por 26 perguntas divididas em seis seções:

1. Informações Demográficas: Dados como idade, gênero, etnia e nível educacional dos pais.
2. Autoconhecimento e Autoimagem: Questões relacionadas às percepções corporais e ao conforto com a própria imagem.

3. Uso de Tecnologias Digitais: Frequência de acesso à *internet*, plataformas utilizadas e fontes de informação sobre sexualidade.
4. Educação Sexual: Fontes de aprendizado sobre sexualidade, percepção sobre a educação sexual escolar e lacunas identificadas.
5. Preocupações e Cuidados: Riscos percebidos no uso da *internet*, com destaque para questões de privacidade e segurança.
6. Impacto das Mídias Sociais: Influências das redes sociais digitais na autoimagem e nos relacionamentos interpessoais.

3.4 QUESTÕES ABERTAS

Para complementar as respostas quantitativas, o questionário incluiu questões abertas, que permitiram aos estudantes expressarem suas opiniões de forma livre. Essas perguntas foram desenhadas para capturar aspectos subjetivos e qualitativos do tema, abordando tópicos como:

- Percepções sobre a Educação Sexual: "O que você gostaria que fosse ensinado sobre sexualidade na escola?"
- Desafios Pessoais: "Quais são os principais desafios que você enfrenta em relação à sua autoimagem?"
- Uso de Tecnologias: "Como você acredita que as redes sociais digitais influenciam sua visão sobre o corpo e os relacionamentos?"

Essas questões forneceram uma base valiosa para explorar a diversidade de experiências e opiniões, enriquecendo os resultados quantitativos com dados qualitativos mais profundos.

Além das perguntas fechadas, o questionário incluiu questões abertas que permitiram aos alunos expressar suas opiniões e experiências de forma mais livre. Essas perguntas foram projetadas para obter *insights* qualitativos sobre tópicos específicos, como:

- Percepções sobre a Educação Sexual: "O que você gostaria que fosse ensinado sobre sexualidade na escola?"

- Desafios Pessoais: "Quais são os principais desafios que você enfrenta em relação a sua autoimagem?"
- Uso de Tecnologias: "Como você acredita que as redes sociais digitais influenciam sua visão sobre o corpo e relacionamentos?"

Essas questões abertas foram essenciais para capturar a diversidade de experiências e opiniões dos alunos, complementando as respostas quantitativas e oferecendo uma compreensão mais rica do fenômeno estudado.

3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada em setembro de 2024. As turmas foram abordadas por meio do *WhatsApp*, no qual foi apresentado o objetivo do questionário e o *link* para o *Google* Formulário foi compartilhado em todos os grupos das turmas. À medida em que os estudantes foram respondendo, eles informavam no grupo com um "ok", confirmando a participação.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados seguiu uma perspectiva interpretativa. Os dados quantitativos serviram para mapear o perfil da amostra e as tendências de uso tecnológico, enquanto as respostas abertas foram submetidas a uma análise de conteúdo. Buscou-se estabelecer correlações entre as práticas digitais dos alunos e os conceitos de "cultura da convergência" de Jenkins (2006) e a "teoria da aprendizagem social" de Bandura (1977), visando propor estratégias pedagógicas que atendam às necessidades reais da comunidade escolar pesquisada.

3.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Embora a pesquisa ofereça *insights* valiosos, apresenta limitações que devem ser consideradas. Primeiramente, a amostra foi restrita a uma única escola, limitando a generalização dos resultados para outros contextos. Além disso, a coleta de dados, por

meio de autoavaliações, pode introduzir vieses nas respostas, como a desejabilidade social ou a falta de reflexão crítica por parte dos participantes.

3.8 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa observou rigorosamente os princípios éticos que regem as investigações com seres humanos. Foi garantido o anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações coletadas, assegurando que o ambiente de diálogo sobre temas sensíveis, como a sexualidade, fosse pautado pelo respeito e pela segurança institucional.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS

4.1.1 IDADE DOS PARTICIPANTES

Os dados demonstram que a maioria dos participantes está na faixa etária de 14 a 15 anos, representando 43,3% e 47,4%, respectivamente, conforme ilustrado no Gráfico 1. Apenas uma pequena porcentagem de estudantes tem 13 anos (8,2%), e não foram registrados participantes com idades superiores a 15 anos. Essa distribuição concentra-se em uma fase crítica da adolescência, caracterizada por intensas transformações biológicas, emocionais e sociais que moldam a identidade e a vivência da sexualidade.

A predominância de adolescentes nessa faixa etária destaca a necessidade de uma abordagem educacional que leve em consideração suas características específicas. Segundo Berk *et al.* (2018), a adolescência média é um período em que questões relacionadas à autoimagem, autoestima e identidade sexual emergem com maior intensidade. Mudanças hormonais, crescimento físico e influência social tornam esse grupo particularmente vulnerável a padrões externos, como aqueles propagados por mídias digitais e redes sociais digitais.

Ademais, essa fase da vida coincide com um aumento significativo da exposição a conteúdos relacionados à sexualidade, tanto em ambientes *on-line* quanto *off-line*, o que torna imprescindível a implementação de programas de educação sexual abrangentes e críticos. Programas dessa natureza não apenas fornecem informações confiáveis sobre questões biológicas e de saúde sexual, mas também ajudam os jovens a desenvolverem habilidades para lidar com influências externas, como pressões sociais e padrões de comportamento.

A concentração majoritária de participantes na faixa de 14 e 15 anos sugere que esses adolescentes estão em um momento de transição, no qual a curiosidade e as dúvidas sobre sexualidade tornam-se mais evidentes. Isso reforça a relevância de um currículo

educacional adaptado, que inclua temas como consentimento, relacionamentos saudáveis e autoestima, além de ferramentas para navegar de maneira crítica pelo conteúdo digital relacionado à sexualidade.

Por fim, o foco nesse grupo etário destaca a importância de construir intervenções educacionais que sejam simultaneamente inclusivas e sensíveis às necessidades emocionais e sociais desse público. Além disso, a promoção de um ambiente escolar que favoreça discussões abertas e seguras pode ser crucial para o desenvolvimento saudável da sexualidade durante essa etapa decisiva do crescimento.

1. Qual a sua idade?

97 respostas

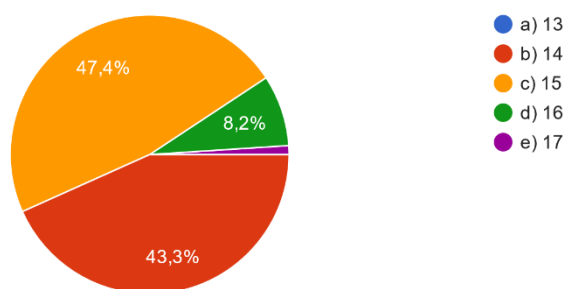


Gráfico 1 - Distribuição por Idade dos Participantes

4.1.2 GÊNERO

Os dados revelam uma predominância de participantes do gênero feminino, representando 62,9%, em comparação com 37,1% do gênero masculino, conforme ilustrado no Gráfico 2. Essa discrepância na distribuição de gênero pode refletir dinâmicas específicas relacionadas ao engajamento com pesquisas sobre sexualidade, bem como às diferenças de socialização e percepção dos temas abordados.

Pesquisas, como as de Budge, Adelson e Howard (2013) indicam que meninas geralmente demonstram maior interesse em reflexões sobre sexualidade, autoimagem e

relacionamentos interpessoais. Essa tendência pode estar associada a pressões culturais e sociais que colocam maior ênfase no corpo e na aparência das mulheres, influenciando como elas interagem com conteúdos educacionais e participam de estudos sobre esses temas.

A predominância feminina também pode sugerir um maior conforto ou disposição em discutir tópicos relacionados à sexualidade, especialmente em contextos educacionais. Por outro lado, a menor participação masculina pode estar vinculada a barreiras culturais ou a estigmas que dificultam a expressão e o envolvimento de meninos em discussões sobre esses temas. Isso reforça a necessidade de se criar espaços de aprendizado inclusivos e seguros, que incentivem a participação de todos os gêneros, abordando de forma equilibrada as preocupações e interesses de meninos e meninas.

Outrossim, a diferença de gênero no envolvimento pode impactar a forma como as intervenções educacionais são estruturadas. Enquanto as meninas podem estar mais inclinadas a explorar questões de autoimagem e saúde emocional, os meninos podem se beneficiar de programas que abordem masculinidade saudável, responsabilidades e expectativas sociais relacionadas ao gênero.

É importante ressaltar que o estudo não identificou participantes que se declarassem não binários ou que preferissem não responder. Isso pode indicar uma limitação no alcance da pesquisa a identidades de gênero mais diversas ou a ausência de um ambiente completamente acolhedor para que esses participantes se sintam confortáveis em se identificar. Incorporar estratégias mais inclusivas em futuros estudos e ambientes escolares pode ampliar a representatividade e fomentar discussões mais abrangentes sobre sexualidade e gênero.

Portanto, os resultados apontam para a relevância de se considerar as diferenças de gênero na elaboração de políticas educacionais e programas de educação sexual. Um modelo que leve em conta as necessidades específicas de cada grupo pode não apenas ampliar o impacto da educação sexual, mas também promover maior equidade e compreensão nas relações interpessoais e no desenvolvimento da identidade dos jovens.

A distribuição de gênero demonstra uma predominância de meninas (62,9%) em relação aos meninos (37,1%). Essa diferença sugere que as discussões sobre sexualidade podem ser influenciadas por questões de gênero. Segundo Budge, Adelson e Howard (2013), as meninas tendem a se envolver mais em reflexões sobre sexualidade e autoimagem, o que pode impactar a forma como abordam esses temas nas interações sociais e na educação, como mostra o Gráfico 2.

2. Gênero:
97 respostas

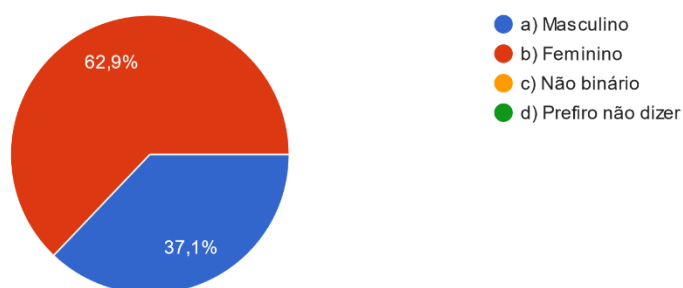


Gráfico 2 - Distribuição por Gênero

4.1.3 RAÇA/COR

Os dados mostram que a maioria dos participantes se identifica como parda (60,8%), seguida por brancos (25,8%), negros (8,2%) e outras categorias minoritárias, incluindo indígena e amarela, em porcentagens inferiores. Essa distribuição, ilustrada no Gráfico 3, reflete uma diversidade racial significativa, característica da realidade brasileira, e levanta questões importantes sobre como as experiências culturais e sociais influenciam a sexualidade e os relacionamentos.

A predominância de participantes pardos destaca a importância de considerar as interseccionalidades de raça, cor e classe social na análise das percepções sobre sexualidade. Segundo autores como Bento (2019), a identidade racial pode impactar

diretamente a forma como jovens acessam informações sobre sexualidade, especialmente em contextos marcados por desigualdades históricas. Jovens de origens racializadas frequentemente enfrentam desafios adicionais, como preconceitos e discriminação, que podem influenciar suas experiências de educação sexual e de autoimagem.

A proporção de brancos (25,8%) sugere que esse grupo, embora minoritário na amostra, também desempenha um papel na diversidade de percepções sobre sexualidade. No entanto, jovens brancos podem ter maior acesso a recursos educacionais e tecnológicos, o que pode refletir desigualdades estruturais que precisam ser abordadas para garantir uma educação sexual mais equitativa.

Os 8,2% de jovens negros e as baixas porcentagens de indígenas e amarelos chamam atenção para a sub-representação de grupos historicamente marginalizados nos espaços educacionais. Essa falta de representatividade pode influenciar negativamente a forma como esses jovens se sentem incluídos em discussões sobre sexualidade e relacionamentos, conforme sugerido por Santos e Silva (2020). Para uma educação sexual verdadeiramente inclusiva, é crucial que as experiências e desafios desses grupos sejam considerados e integrados aos currículos escolares.

Além disso, a diversidade racial, apresentada na amostra, aponta para a necessidade de uma abordagem educacional culturalmente sensível. Isso inclui a promoção de discussões que reconheçam as influências das identidades étnico-raciais sobre os valores, expectativas e experiências relacionadas à sexualidade. Por exemplo, temas como padrões de beleza, racismo, **relações de gênero e de poder** que permeiam as interações sociais dos estudantes devem ser incluídos para enriquecer a compreensão dos jovens sobre suas próprias vivências e as dos outros. Por fim, a análise dos dados sugere que as políticas e os programas de educação sexual devem ser ajustados para refletir as nuances dessa diversidade. Incorporar perspectivas culturais e raciais pode fortalecer a relevância dos conteúdos para os estudantes, promovendo um aprendizado mais significativo e inclusivo. A construção de uma educação sexual que reconheça e valorize a pluralidade racial e cultural não apenas beneficia os jovens, mas também contribui para a formação de uma sociedade mais equitativa e respeitosa.

3. Raça/etnia: Você se declara:

97 respostas



Gráfico 3 - Distribuição por Raça/Cor

4.1.4 *ESCOLARIDADE DOS PAIS/RESPONSÁVEIS*

Os dados indicam que 56,7% dos participantes não souberam informar a escolaridade de seus pais ou responsáveis, o que pode refletir uma desconexão com o histórico educacional familiar ou mesmo uma falta de discussão sobre o tema no ambiente doméstico. Além disso, 21,6% declararam que os pais possuem Ensino Fundamental, enquanto apenas 15,5% identificaram o Ensino Médio como o nível educacional dos responsáveis. A proporção de pais com Ensino Superior não foi mencionada, reforçando a hipótese de que o nível de escolaridade na comunidade pesquisada é limitado.

Essa realidade pode ter implicações importantes na maneira como os jovens recebem informações sobre sexualidade e saúde. Estudos como os de Livingstone *et al.* (2011) sugerem que o nível educacional dos pais está diretamente associado à qualidade e à profundidade das informações transmitidas aos filhos. Pais com menor escolaridade podem ter menos recursos ou acesso a informações sobre sexualidade, limitando sua capacidade de abordar o tema de forma clara e informada.

O alto percentual de jovens que não conseguem identificar o nível de escolaridade dos pais (56,7%) também pode ser interpretado como um indicador de desinformação geral ou da ausência de diálogo entre pais e filhos sobre temas educacionais. Isso reforça a importância de a escola desempenhar um papel mais ativo na promoção da educação

sexual e no fornecimento de informações confiáveis, especialmente em contextos em que o suporte familiar é limitado.

Outro ponto relevante é que a baixa escolaridade ou desconhecimento sobre o nível educacional dos pais pode impactar a percepção dos jovens sobre a importância do aprendizado formal. Além disso, limitações educacionais dos pais podem dificultar o apoio aos filhos em assuntos mais complexos, como sexualidade e uso seguro de tecnologias digitais, o que aumenta a responsabilidade da escola como uma fonte primária de orientação e educação.

Dessa forma, a análise dos dados sugere que o contexto educacional dos pais deve ser considerado na formulação de programas de educação sexual. É essencial que esses programas sejam acessíveis, inclusivos e capazes de preencher lacunas que possam existir devido às limitações ou à ausência de suporte familiar. A implementação de estratégias que envolvam a comunidade e os responsáveis também pode ser uma forma eficaz de ampliar o alcance e a eficácia dessas iniciativas.

Além disso, programas que capacitem os pais ou responsáveis a abordar temas sensíveis com seus filhos podem ajudar a reduzir a lacuna educacional e criar um ambiente mais propício para o diálogo sobre sexualidade e saúde. Estudos como os de Garcia e Rojas (2017) reforçam que a escola e a família devem atuar em conjunto para fortalecer a formação dos jovens, promovendo um desenvolvimento integral e saudável.

Os dados sobre a escolaridade dos pais mostram que 56,7% dos responsáveis não souberam informar seu nível educacional, o que pode indicar uma falta de acesso à educação ou desinformação sobre a importância da escolaridade como mostra o gráfico 4. Isso pode influenciar a forma como os jovens recebem informações sobre sexualidade, como sugerido por Livingstone *et al.* (2011).

4. Escolaridade dos pais/responsáveis: Qual é o nível de escolaridade dos seus pais ou responsáveis? · Pai/Responsável
97 respostas

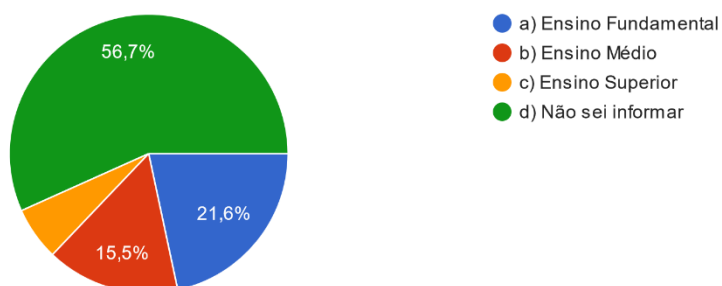


Gráfico 4 - Escolaridade dos Pais/Responsáveis

4.1.5 SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA

Os dados indicam que 85,6% dos participantes pertencem a famílias que recebem benefícios de programas sociais do governo, como o Bolsa Família, enquanto 14,4% não possuem esse tipo de auxílio, conforme ilustrado no Gráfico 5. Essa alta porcentagem de dependência de programas sociais reflete uma realidade de vulnerabilidade socioeconômica significativa, que pode influenciar diretamente o acesso dos jovens a recursos educacionais e de saúde, incluindo informações sobre sexualidade.

A situação socioeconômica tem um papel determinante no desenvolvimento e na formação dos jovens, especialmente em relação à educação sexual. Segundo estudos de Garcia e Rojas (2017), contextos de vulnerabilidade econômica frequentemente limitam o acesso a informações confiáveis e a recursos que poderiam apoiar o aprendizado sobre saúde sexual e reprodutiva. Além disso, a dependência de benefícios do governo pode estar associada a desigualdades estruturais que afetam a qualidade da educação e o ambiente familiar, influenciando negativamente a maneira como os jovens percebem e vivenciam sua sexualidade.

A baixa renda também pode restringir o acesso a ferramentas digitais e à *internet*, o que impacta a forma como esses adolescentes interagem com conteúdos sobre sexualidade.

Em um contexto em que as tecnologias digitais desempenham um papel crescente na educação sexual, como apontado por Livingstone *et al.* (2011), essa limitação pode ampliar ainda mais a lacuna informacional, especialmente em temas sensíveis que exigem fontes confiáveis e abordagens pedagógicas adequadas.

Ademais, a dependência de programas sociais pode ter implicações psicológicas e sociais, como o estigma associado à pobreza. Esse fator pode influenciar a autoestima e a percepção que os jovens têm de si mesmos e de suas possibilidades, afetando também sua relação com a sexualidade e com os relacionamentos interpessoais.

É crucial que programas educacionais, especialmente os voltados à saúde sexual e reprodutiva, sejam planejados considerando essa realidade socioeconômica. Iniciativas que incluam a oferta de materiais gratuitos, acesso a tecnologias e capacitação de educadores para lidar com essas especificidades podem ser ferramentas eficazes para mitigar os efeitos das desigualdades.

Por outro lado, o fato de 14,4% dos participantes não dependerem de benefícios governamentais sugere que há um grupo minoritário com maior estabilidade econômica. Essa diversidade econômica dentro da amostra pode ser explorada para identificar possíveis diferenças na percepção e no acesso à educação sexual entre os subgrupos, oferecendo uma análise mais rica e comparativa.

A análise dos dados socioeconômicos reforça a importância de uma abordagem educativa inclusiva, que leve em consideração as barreiras impostas pela vulnerabilidade econômica. Estratégias que integrem educação sexual com políticas sociais podem desempenhar um papel essencial no empoderamento desses jovens, promovendo igualdade de oportunidades e fortalecendo sua autonomia para tomar decisões conscientes sobre sua saúde e bem-estar.

A análise da situação socioeconômica indica que 85,6% dos participantes recebem benefícios de programas do governo. Essa dependência pode afetar o acesso a recursos educacionais e de saúde, impactando a qualidade da informação sobre sexualidade disponível para os jovens, conforme mostrado no **Gráfico 5**.

6. Situação socioeconômica da família:
97 respostas

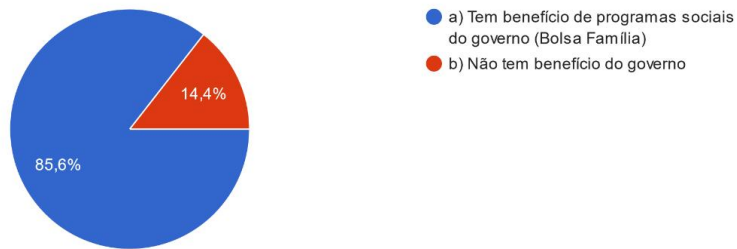


Gráfico 5 - Situação Socioeconômica

4.1.6 LOCAL DE RESIDÊNCIA

Os dados revelam uma distribuição equilibrada entre participantes que residem na zona rural (50,5%) e na zona urbana (49,5%), conforme ilustrado no Gráfico 6. Essa paridade é significativa, pois permite uma análise comparativa sobre como o local de residência pode influenciar o acesso a informações, recursos e serviços relacionados à sexualidade e à saúde.

O acesso à *internet* e a recursos educacionais frequentemente é mais limitado em áreas rurais, devido a fatores como infraestrutura deficiente e menores investimentos em tecnologia. Essa realidade pode criar barreiras para que jovens da zona rural obtenham informações precisas sobre sexualidade, tornando-os mais dependentes de fontes locais, como escolas e comunidades, que nem sempre estão adequadamente preparadas para abordar o tema. Por outro lado, os jovens da zona urbana podem ter maior acesso a tecnologias digitais, facilitando a busca por informações, mas também os expõem a conteúdos inadequados ou pouco confiáveis.

Livingstone *et al.* (2011) destacam que o local de residência é um fator determinante na forma como jovens acessam informações *on-line*, especialmente em temas sensíveis como sexualidade. Enquanto os jovens urbanos tendem a ter maior exposição a conteúdos digitais, os jovens rurais podem enfrentar desafios na conectividade, o que limita suas oportunidades de aprendizado virtual e interação social em plataformas *on-line*.

Além das questões de infraestrutura, o contexto cultural e social também pode influenciar as percepções e os comportamentos relacionados à sexualidade. Em áreas rurais, normas e valores tradicionais podem ser mais prevalentes, moldando as expectativas e as limitações sobre como os jovens exploram e discutem sua sexualidade. Já em áreas urbanas, a maior diversidade cultural e social pode favorecer discussões mais abertas, mas também pode expor os jovens a conflitos entre valores tradicionais e modernos.

A divisão entre rural e urbano aponta para a necessidade de estratégias educacionais diferenciadas. Para jovens da zona rural, pode ser importante priorizar o fortalecimento da infraestrutura escolar e o treinamento de educadores, garantindo que eles tenham acesso a recursos adequados e atualizados para abordar temas de sexualidade. Já para os jovens urbanos, programas de educação sexual podem se concentrar em desenvolver habilidades de pensamento crítico, ajudando-os a filtrar e interpretar a grande quantidade de informações (e desinformações) disponíveis *on-line*.

Essa paridade na amostra permite que futuras políticas educacionais sejam desenhadas de forma inclusiva, considerando as particularidades de ambos os contextos. Para jovens rurais, iniciativas que melhorem a conectividade digital e integrem discussões culturais sobre sexualidade podem ser mais eficazes. Para os jovens urbanos, é essencial abordar o uso saudável das redes sociais digitais e a análise crítica de conteúdos digitais.

A análise evidencia que o local de residência exerce uma influência significativa sobre as experiências dos jovens em relação à sexualidade e à saúde. Estratégias educacionais que reconheçam essas diferenças podem não apenas promover um aprendizado mais eficaz, mas também reduzir desigualdades no acesso à informação. Um enfoque adaptado às necessidades e às realidades de cada grupo, considerando as limitações rurais e os desafios urbanos, é essencial para garantir uma educação sexual inclusiva e transformadora.

A divisão entre zona rural (50,5%) e urbana (49,5%) mostra uma distribuição equilibrada. No entanto, isso pode ter implicações diferentes na forma como os jovens acessam informações sobre sexualidade e relacionamentos, como evidenciado no Gráfico 6.

7. Onde você mora?

97 respostas

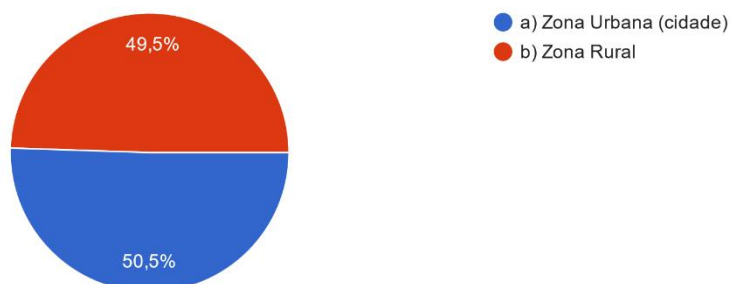


Gráfico 6 - Local de Residência

4.2 AUTOCONHECIMENTO E CUIDADO PESSOAL

Os resultados mostram que 46,4% dos alunos se sentem confortáveis com seus corpos, enquanto 15,5% não se sentem. Essa ambivalência sobre a autoimagem é corroborada por Tiggemann (2014), que discute como a pressão social afeta a autoestima (veja o Gráfico 7). O Gráfico 7 apresenta a percepção dos alunos sobre a autoimagem e reflete uma variedade de sentimentos, evidenciando a necessidade de intervenções educativas que promovam a autoaceitação e a saúde mental.

1. Como você se sente em relação ao seu corpo? (1 = Não me sinto confortável, 5 = Me sinto super confortável)

97 respostas

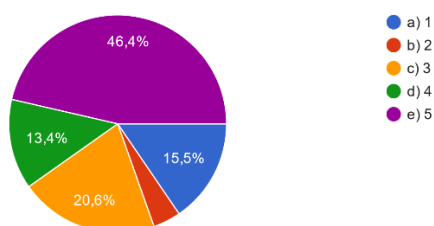


Gráfico 7- Percepção dos alunos sobre a autoimagem

Quanto a percepção que os adolescentes têm de seus corpos desempenha um papel crucial no desenvolvimento de sua identidade e autoimagem. Essa fase da vida é marcada por intensas mudanças físicas e emocionais, tornando a relação com o corpo uma questão central na formação da autoestima e na vivência da sexualidade. Para compreender melhor como os alunos se sentem em relação a seus corpos, foi realizada uma análise das respostas coletadas, categorizando-as em quatro grupos: Positivas, Neutras, Negativas e Variáveis.

A seguir, apresentamos a análise de cada categoria, seguida de uma discussão geral sobre os resultados e suas implicações para a educação sexual e para o apoio emocional aos jovens.

1. Respostas Positivas

As respostas positivas refletem satisfação e conforto em relação ao corpo. Os alunos expressaram sentimentos de aceitação e autoestima, como:

- "Muito bem."
- "Ótimo."
- "Bonita."
- "Me sinto superconfortável com meu corpo, algumas coisas não são do meu agrado, mas é só besteira."
- "Me sinto ótima, foi o que Deus me deu."
- "Saudável e bom."
- "Eu gosto do meu corpo, tenho alguns defeitos, mas me sinto ótima."
- "Eu amo meu corpo do jeitinho que ele é 😊."
- "Bem."
- "Confortável."

- "Ótimo."

Total de Respostas Positivas: 11

2. Respostas Neutras

Essas respostas indicam uma percepção normal ou indiferente em relação ao corpo, sem uma forte carga emocional:

- "Normal."
- "Se sinto normal."
- "Bem, normal."
- "Normal 😊."
- "Normal, me sinto bem."
- "Mais ou menos."
- "Dboa."
- "Normal, só não tenho muita autoestima."

Total de Respostas Neutras: 8

3. Respostas Negativas

As respostas negativas refletem insegurança, descontentamento ou insatisfação com o corpo. Os alunos expressaram preocupações sobre sua imagem corporal, através de afirmações como:

- "Eu acho que poderia ser mais magro."
- "Tem dias que me sinto bem, mas na maioria não."
- "Insegura."
- "Eu não gosto dele!"

- "Eu sinto um leve nojo."
- "Não me sinto muito confortável."
- "Sou gorda."
- "Não gosto muito."
- "Ele é horrível, eu o odeio. Sou muito gorda."
- "Não me acho bonita."
- "Me sinto um pouco decepcionada, pois não sou uma garota padrão e nem consigo ser."
- "Não gosto dele, acho desproporcional e feio."

Total de Respostas Negativas: 12

4. Respostas Variáveis

As respostas variáveis indicam mudanças de humor ou sentimentos variados em relação ao corpo, sugerindo que a percepção pode mudar ao longo do tempo:

- "Depende do dia, mas geralmente sou feliz com meu corpo."
- "Sei lá."
- "Não sei informar."
- "Não sei explicar, às vezes me sinto bem, outras não."
- "Bem, mas dá para melhorar."
- "Me sinto um pouco magra demais."
- "Levemente normal ao corpo!"

Total de Respostas Variáveis: 7

4.3 ANÁLISE GERAL

Os dados indicam um panorama diversificado sobre a percepção que os alunos possuem em relação ao próprio corpo. A predominância de respostas positivas (46,4%), representando 11 casos, reflete um nível de aceitação e conforto significativo com a autoimagem. Esses jovens demonstram maior autoestima, possivelmente influenciada por fatores como suporte emocional de familiares e amigos ou uma relação mais saudável com os padrões sociais de beleza. Contudo, a identificação de 12 respostas negativas, equivalente a 15,5%, revela uma parcela considerável de estudantes enfrentando desafios relacionados à insatisfação corporal, o que exige atenção e suporte educacional e psicológico.

As respostas classificadas como variáveis (13,4%, ou 7 respostas) mostram que a percepção da autoimagem pode ser instável, oscilando conforme fatores internos, como mudanças hormonais; e externos, como interações sociais e exposição às mídias digitais. Essa ambivalência reflete a complexidade do período da adolescência, marcado por intensas transformações que moldam a relação dos jovens com o corpo.

Esses dados são consistentes com os achados de Tiggemann (2014), que afirma que pressões sociais e padrões de beleza amplamente difundidos, especialmente pelas mídias digitais, desempenham um papel significativo na formação da autoimagem dos adolescentes. Além disso, as comparações sociais frequentes podem exacerbar sentimentos de inadequação, levando a uma maior incidência de respostas negativas e instáveis.

As percepções relatadas são cruciais para entender o desenvolvimento da sexualidade e da autoestima entre os jovens. A prevalência de sentimentos negativos ou variáveis em relação ao corpo sugere uma necessidade urgente de intervenções educativas que abordem não apenas os aspectos biológicos da sexualidade, mas também as dimensões emocionais e sociais relacionadas à autoimagem.

A criação de estratégias que promovam um ambiente inclusivo e de aceitação é essencial para fortalecer a autoestima dos alunos. Isso inclui integrar discussões sobre diversidade corporal e desconstruir padrões de beleza irrealistas no currículo escolar, permitindo que os jovens desenvolvam uma visão mais realista e saudável de si mesmos. Essas iniciativas são particularmente relevantes quando se considera que, segundo Berk *et al.* (2018), a autoestima é um componente crítico para o desenvolvimento saudável durante a adolescência.

Outro ponto destacado é o papel central das famílias na formação das percepções corporais dos jovens, identificadas como a principal fonte de informação sobre mudanças corporais (41,2%). Contudo, apenas 11,3% dos estudantes apontaram a escola como fonte de informações, revelando uma lacuna preocupante na educação sexual formal. Esse dado reforça as observações de García e Rojas (2017), os quais argumentam que a escola deve ser um espaço prioritário para a abordagem de temas relacionados à sexualidade e à autoimagem.

A inclusão de atividades práticas e discussões guiadas nas aulas de educação sexual pode não apenas mitigar os impactos negativos de uma autoimagem instável, mas também melhorar a qualidade das interações sociais e a forma como os jovens se percebem e se posicionam em relação aos outros. Além disso, ações coordenadas entre escolas e famílias podem fortalecer o impacto dessas intervenções, proporcionando uma abordagem mais holística e efetiva para a promoção da saúde mental e emocional dos adolescentes.

A análise revela uma necessidade urgente de priorizar intervenções educativas que abordem a autoimagem de forma integrada e inclusiva, considerando os desafios e as oportunidades apresentados pelos dados. Promover o bem-estar emocional e a aceitação corporal entre os jovens não apenas contribui para o desenvolvimento saudável da sexualidade, mas também impacta positivamente a construção de relações interpessoais e o desempenho acadêmico. Estratégias que unam educação sexual, saúde mental e envolvimento familiar são fundamentais para criar um ambiente seguro e acolhedor para os adolescentes, preparando-os para enfrentar os desafios dessa fase de maneira mais confiante e equilibrada.

3. De onde você obtém informações sobre as mudanças que acontecem no seu corpo? (Você pode escolher mais de uma opção)

97 respostas

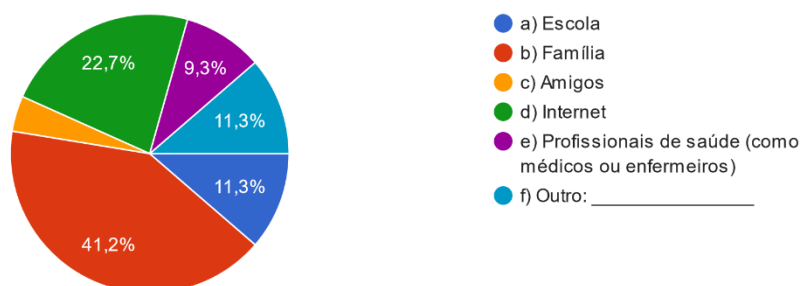


Gráfico 8 - Principais Fontes de Informações sobre Mudanças Corporais

4.4 TECNOLOGIAS DIGITAIS E SEXUALIDADE.

Os dados apontam que 55,7% dos participantes identificam *sites* de saúde como a fonte digital mais útil para obter informações sobre sexualidade. Essa preferência reflete uma busca por conteúdos considerados confiáveis e especializados, indicando que os jovens valorizam informações oriundas de fontes que aparentam maior credibilidade e precisão. Essa tendência pode estar associada à percepção de que *sites* de saúde são elaborados por profissionais e contêm informações mais imparciais, como destacado por Ribble (2015).

Além disso, 23,7% dos alunos apontaram vídeos educativos como outra fonte importante de aprendizado sobre sexualidade. Essa preferência demonstra o apelo de conteúdos multimodais, que combinam elementos visuais e auditivos, facilitando a compreensão de tópicos complexos e sensíveis. No entanto, a baixa utilização de aplicativos (2,1%) e influenciadores digitais (3,1%) como fontes de informação sugere que os jovens podem enxergar essas plataformas como menos confiáveis ou pouco relevantes para assuntos relacionados à sexualidade.

A baixa confiança em aplicativos e influenciadores pode estar relacionada a fatores como a falta de regulamentação, a desinformação ou a superficialidade de conteúdos frequentemente encontrados nessas plataformas. Em um cenário no qual as redes sociais

digitais e influenciadores desempenham papéis importantes na disseminação de informações, é preocupante que tais fontes sejam vistas com desconfiança, especialmente porque grande parte do conteúdo consumido pelos jovens é acessado por esses meios.

Essa distribuição evidencia uma lacuna na forma como as plataformas digitais populares abordam temas de sexualidade. Enquanto *sites* de saúde e vídeos educativos são reconhecidos como úteis, é essencial desenvolver estratégias para tornar aplicativos e influenciadores ferramentas confiáveis e engajantes para a educação sexual. Isso pode incluir parcerias com profissionais de saúde e educadores para criar conteúdos bem fundamentados e visualmente atraentes que atendam às necessidades dos jovens.

A preferência por fontes confiáveis também ressalta a importância da alfabetização digital entre os adolescentes. Ensinar os jovens a identificarem informações precisas e filtrar conteúdos de baixa qualidade ou enganosos é essencial para capacitá-los a navegar pelo vasto e diversificado ambiente digital. Como discutido por Livingstone (2011), a educação para o uso crítico de tecnologias digitais é um componente essencial da cidadania digital e pode ter um impacto significativo na forma como os jovens compreendem e gerenciam sua sexualidade.

Os dados revelam uma oportunidade para integrar tecnologias emergentes de forma mais eficaz à educação sexual. Ao promover o uso de plataformas confiáveis e incentivar a criação de conteúdos relevantes e verificáveis em aplicativos e redes sociais digitais, é possível atender melhor às demandas dos jovens e garantir que tenham acesso a informações precisas, inclusivas e empoderadoras sobre sexualidade.

Os dados revelam que a preferência por *sites* de saúde (55,7%), como fontes de informação sobre sexualidade, sugere uma busca por conteúdos confiáveis. No entanto, a baixa utilização de aplicativos e influenciadores (2,1% e 3,1%, respectivamente) pode indicar desconfiança em relação a essas plataformas, conforme discutido por Ribble (2015). O Gráfico 9 ilustra essa distribuição das fontes de informação sobre sexualidade.

9. Quais recursos digitais você considera mais úteis para obter informações sobre sexualidade?

(Selecione até 2 opções)

97 respostas

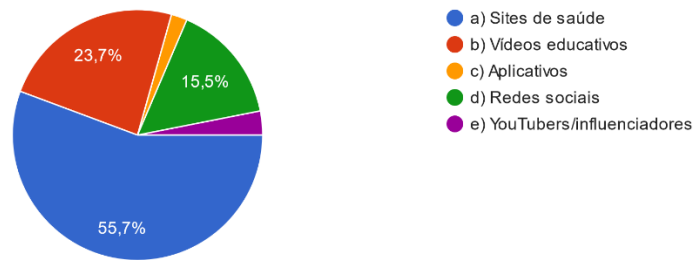


Gráfico 9 - Distribuição das Fontes de Informação sobre Sexualidade

Além disso, 52,6% dos alunos acreditam que a *internet* influencia sua visão sobre o corpo e relacionamentos conforme gráfico 10. Orben (2020) enfatiza que o consumo de conteúdo digital pode moldar percepções e comportamentos, ressaltando a necessidade de uma educação crítica sobre mídias digitais.

12. Você acha que a internet influencia sua visão sobre seu corpo e relacionamentos?

97 respostas

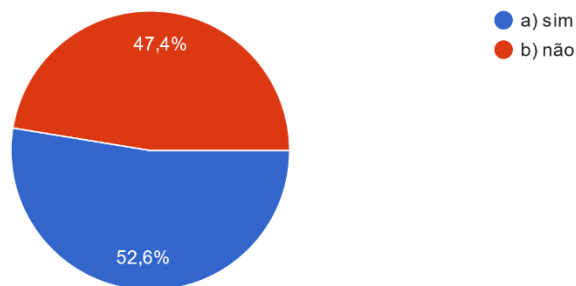


Gráfico 10 Influência da Internet sobre a sua Visão sobre o Corpo e Relacionamentos

4.4.1 PREOCUPAÇÕES E CUIDADOS

Os dados apresentados indicam que 52,6% dos participantes acreditam que a *internet* influencia diretamente sua visão sobre o corpo e os relacionamentos, enquanto 47,4% afirmam não perceber tal impacto. Esse resultado revela uma divisão quase equilibrada entre os jovens, sugerindo diferentes níveis de percepção sobre como os conteúdos digitais moldam suas experiências e expectativas.

Os jovens que afirmam ser influenciados pela *internet* podem estar expostos a representações idealizadas de corpos e relacionamentos, amplamente difundidas em redes sociais digitais e outras plataformas digitais. Orben (2020) enfatiza que o consumo de conteúdos digitais pode influenciar significativamente as percepções de autoimagem e os padrões de interação social. Essa exposição pode resultar em desafios emocionais, como insatisfação corporal, baixa autoestima e dificuldade em estabelecer relacionamentos reais baseados em autenticidade e respeito.

Por outro lado, os 47,4% que não percebem influência podem refletir uma menor exposição a esses conteúdos ou uma maior habilidade crítica para interpretar o que consomem *on-line*. Esse grupo pode estar mais protegido de pressões sociais digitais ou ser menos afetado emocionalmente por comparações com padrões irrealistas.

Além disso, os principais riscos associados ao uso da *internet*, identificados como o conteúdo impróprio (39,2%) e questões de privacidade (35,1%), destacam preocupações importantes que afetam o bem-estar dos jovens. Esses fatores reforçam a necessidade de práticas educativas que abordem o uso responsável e crítico da *internet*. Livingstone *et al.* (2011) afirmam que a proteção *on-line* é uma preocupação crescente entre os jovens, especialmente em contextos em que o acesso às tecnologias digitais é predominante, como demonstrado pelos participantes da pesquisa.

As implicações desses dados são amplas. É fundamental que programas educativos incluam temas como alfabetização digital, análise crítica de conteúdos *on-line* e estratégias para proteger a privacidade. Tais iniciativas podem ajudar os jovens a identificarem os riscos associados ao uso da *internet* e a desenvolver habilidades para navegar de maneira mais segura e consciente.

A percepção dos jovens sobre a influência da *internet* em sua visão de corpo e relacionamentos reflete tanto desafios quanto oportunidades. O desenvolvimento de estratégias que promovam a conscientização sobre o impacto das mídias digitais, combinado com intervenções que fortaleçam a autoestima e a autonomia, pode ser crucial para o desenvolvimento saudável e responsável dos adolescentes na era digital.

Os dados revelam que os principais riscos percebidos ao usar a *internet* são o conteúdo impróprio (39,2%) e questões de privacidade (35,1%). O Gráfico 11 ilustra essas preocupações, destacando a percepção dos jovens sobre os riscos associados ao uso da *internet*. Livingstone *et al.* (2011) argumentam que a proteção *on-line* é uma preocupação crescente entre os jovens.

13. Quais riscos você percebe ao usar a internet para obter informações sobre sexualidade? (Selecione até 3 opções)
97 respostas

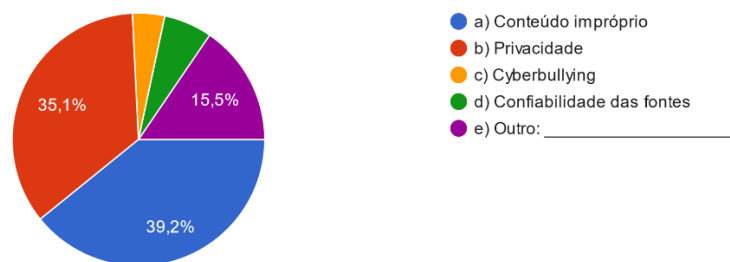


Gráfico 11 - Percepção dos Jovens sobre os Riscos Associados ao Uso da Internet

Além disso, 28,9% dos alunos mencionam que encontrar informações confiáveis é um desafio significativo. Isso reforça a necessidade de desenvolver habilidades de pesquisa crítica. Hollist e Miller (2016) sugerem que a educação deve incluir a análise da qualidade das informações disponíveis na *internet*, preparando os jovens para navegar de forma segura e informada.

4.5 USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS

Os dados indicam que 84,5% dos participantes acessam a *internet* várias vezes ao dia, conforme ilustrado no Gráfico 11. Essa alta frequência de conectividade reflete a integração significativa das tecnologias digitais no cotidiano dos jovens, evidenciando que a *internet* desempenha um papel central em suas interações sociais, acadêmicas e recreativas. Apenas uma pequena parcela acessa a *internet* com menor frequência, como uma vez ao dia ou semanalmente, o que reforça a predominância do uso constante entre os adolescentes.

Essa conectividade oferece inúmeras oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. Segundo Ito *et al.* (2010), o uso frequente da *internet* permite o acesso a uma ampla gama de conteúdos educativos, promovendo o aprendizado autônomo e a aquisição de habilidades digitais essenciais para o contexto contemporâneo. Ferramentas como vídeos educativos, *sites* informativos e plataformas interativas podem complementar a educação formal, tornando-a mais dinâmica e alinhada às demandas da era digital.

No entanto, essa exposição contínua também apresenta desafios significativos. Nessa perspectiva, os jovens estão frequentemente expostos a conteúdos inadequados, como material impróprio ou desinformações, que podem impactar negativamente sua saúde emocional e mental. Além disso, o uso excessivo das mídias digitais pode levar a problemas como dependência tecnológica, distrações acadêmicas e aumento da ansiedade, conforme observado em estudos recentes.

A alta frequência de uso também ressalta a necessidade de promover a alfabetização digital crítica entre os adolescentes. É essencial capacitá-los a avaliar a qualidade e a credibilidade das informações que consomem, além de ajudá-los a gerenciar o tempo *online* de forma equilibrada. Isso inclui conscientizar os jovens sobre os riscos associados à superexposição digital e incentivar práticas saudáveis de uso da *internet*, como pausas regulares e limites de tempo.

Esse padrão de conectividade destaca a importância de integrar discussões sobre o impacto da tecnologia em currículos escolares, abordando tanto os benefícios quanto os riscos. Estratégias como oficinas sobre cidadania digital, debates sobre o uso responsável das redes sociais digitais e treinamentos para identificar desinformação são ferramentas valiosas para preparar os jovens para navegar de maneira consciente no ambiente digital.

A frequência elevada de acesso à *internet* pelos jovens reflete a centralidade das tecnologias digitais em suas vidas e a importância de abordagens educativas que levem em conta essa realidade. Embora a conectividade ofereça diversas oportunidades de aprendizado e interação, ela também apresenta riscos que precisam ser gerenciados por meio de intervenções educativas e políticas de conscientização. Ao promover um uso equilibrado e responsável da *internet*, é possível maximizar os benefícios das tecnologias digitais enquanto se minimizam os impactos negativos sobre o bem-estar dos adolescentes.

A alta frequência de acesso à *internet*, com 84,5% dos alunos acessando várias vezes ao dia, indica um envolvimento significativo com as tecnologias digitais. O Gráfico 11 ilustra essa frequência de uso, destacando o padrão de conectividade entre os jovens. Segundo Ito *et al.* (2010), essa conectividade pode oferecer oportunidades de aprendizado, mas também expõe os jovens a riscos, como a exposição a conteúdos inadequados.

16. Com que frequência você acessa a internet?

97 respostas

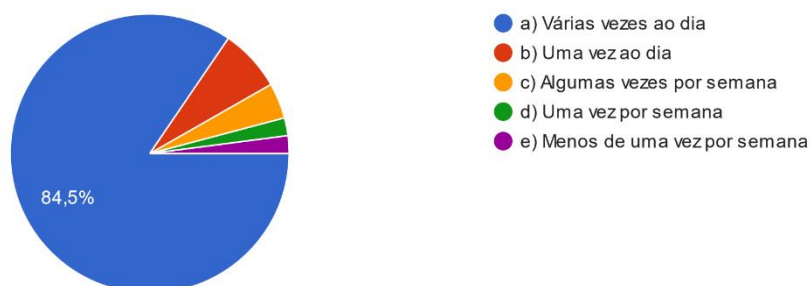


Gráfico 12 - Frequência da Conectividade entre os Jovens

Além disso, o uso predominante do *Instagram* (70,1%) e do *TikTok* (16,5%) sugere que os alunos são cada vez mais influenciados por conteúdos visuais. O Gráfico 12 apresenta a distribuição do uso dessas plataformas, evidenciando a preferência dos alunos por redes

sociais visuais. Essa tendência ecoa as preocupações de Valkenburg e Peter (2011) sobre o impacto das redes sociais digitais na autoimagem e nas relações interpessoais.

17. Quais redes sociais você usa com mais frequência? (Selecione mais de uma opção)

97 respostas



Gráfico 13 - Distribuição do Uso das Plataformas, ou a Preferência dos Alunos por Redes Sociais Visuais

4.6 USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Os dados demonstram que as tecnologias digitais desempenham um papel relevante na educação sexual dos jovens. A maioria dos participantes (55,7%) identificou os *sites* de saúde como as fontes mais úteis para obter informações sobre sexualidade, o que sugere uma busca por conteúdos que sejam percebidos como confiáveis e de alta qualidade. Essa preferência reflete a importância da credibilidade das fontes no contexto da educação sexual, alinhando-se às observações de Danah Boyd (2014), que destaca o impacto positivo de plataformas digitais bem estruturadas na disseminação de informações educativas.

Além disso, os vídeos educativos foram apontados por 23,7% dos alunos como uma ferramenta importante. Isso evidencia o apelo das mídias audiovisuais, que conseguem abordar temas complexos de forma acessível e engajante, facilitando a compreensão e o aprendizado. No entanto, a baixa utilização de redes sociais digitais (15,5%), aplicativos (2,1%) e influenciadores digitais (3,1%) sugere uma desconfiança em relação a essas

plataformas ou uma percepção de que seus conteúdos não atendem adequadamente às necessidades dos jovens nesse tema específico.

Embora as tecnologias digitais ofereçam benefícios claros, os jovens também reconhecem os riscos associados ao seu uso, como a exposição a conteúdos impróprios (39,2%). Esse dado reforça a necessidade de promover uma educação crítica sobre o uso dessas ferramentas, capacitando os adolescentes a identificarem informações precisas e evitar conteúdos potencialmente prejudiciais.

A pesquisa também sugere que a utilização de uma abordagem educativa baseada na convergência de mídias pode ser particularmente eficaz. Henry Jenkins (2006) argumenta que a integração de diferentes plataformas digitais permite formas inovadoras de participação e aprendizado, incentivando a criação de experiências educativas mais dinâmicas e interativas. Nesse contexto, é possível combinar a confiabilidade dos *sites* de saúde com o apelo visual dos vídeos educativos e a interatividade das redes sociais digitais, criando um ecossistema digital que atenda às diversas demandas e preferências dos jovens.

Os resultados destacam a importância de desenvolver estratégias educacionais que aproveitem o potencial das tecnologias digitais para a educação sexual. É essencial que essas estratégias integrem plataformas confiáveis, como *sites* de saúde e vídeos educativos, e incentivem o uso crítico e seguro de redes sociais digitais e de outras ferramentas digitais. Ao adotar uma abordagem que combine diferentes mídias e promova a alfabetização digital, é possível criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo, acessível e relevante para os adolescentes, preparando-os para navegar de forma responsável no ambiente digital e ampliar seu entendimento sobre sexualidade de maneira saudável e informada.

9. Quais recursos digitais você considera mais úteis para obter informações sobre sexualidade?
(Selecione até 2 opções)
97 respostas

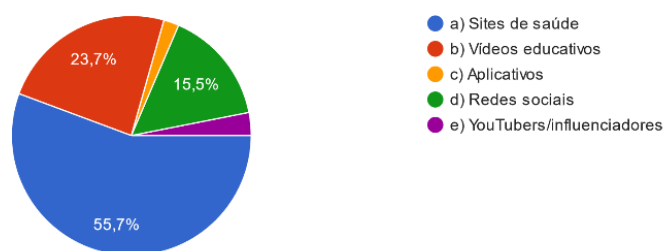


Gráfico 14 - Preferência dos Recursos Digitais

Embora os alunos reconheçam os benefícios das tecnologias digitais, também estão cientes dos riscos associados, como a exposição a conteúdos impróprios (39,2%). A pesquisa sugere que uma abordagem educativa que utilize a convergência das mídias pode ser benéfica. Henry Jenkins (2006) argumenta que a interseção de diferentes plataformas permite formas inovadoras de participação e aprendizado.

4.7 PROMOÇÃO DA SAÚDE E BEM-ESTAR INTEGRAL DOS ADOLESCENTES

A promoção da saúde e do bem-estar integral dos adolescentes é uma prioridade evidenciada pelos resultados do questionário. Entre os principais riscos percebidos no uso da *internet* para obter informações sobre sexualidade, 39,2% dos participantes destacaram a exposição a conteúdos impróprios como uma preocupação significativa. Em seguida, questões de privacidade foram mencionadas por 35,1%, enquanto 15,5% identificaram o *cyberbullying* como um risco relevante. O Gráfico 13 ilustra a distribuição dessas percepções, sublinhando os desafios associados à segurança digital para esse grupo.

Esses dados reforçam a importância de criar um ambiente *on-line* seguro, onde os jovens possam acessar informações confiáveis sobre sexualidade sem estarem expostos a riscos que comprometam sua saúde emocional e mental. A literatura, incluindo diretrizes da

Organização Mundial da Saúde (OMS), destaca que a saúde integral deve incluir não apenas aspectos físicos, mas também os componentes emocionais, sociais e psicológicos. A *internet*, quando bem utilizada, pode ser uma ferramenta poderosa para apoiar essa abordagem holística, mas os riscos associados ao seu uso desregulado precisam ser gerenciados com eficácia.

Além disso, o fato de 29,9% dos alunos expressarem dúvidas sobre mudanças corporais reforça a necessidade de currículos educacionais mais inclusivos e abrangentes. Esses currículos devem abordar questões relacionadas à saúde sexual e mental, promovendo um entendimento mais profundo sobre os processos de desenvolvimento corporal e emocional que ocorrem durante a adolescência. Esse tipo de abordagem pode ajudar os jovens a lidarem de forma mais saudável com as mudanças que enfrentam e a desenvolver uma percepção mais positiva sobre si mesmos e sobre seus corpos.

Programas educativos devem incluir componentes que abordem o impacto da exposição a conteúdos inadequados e a importância da privacidade digital. Além disso, a conscientização sobre o *cyberbullying* e seus efeitos deve ser parte integrante dessas iniciativas, proporcionando ferramentas aos jovens para lidarem com situações adversas e promover interações mais respeitadas nas plataformas digitais.

A integração de discussões sobre saúde mental e bem-estar no contexto da educação sexual é essencial para apoiar os adolescentes em seu processo de desenvolvimento. Estratégias como a promoção da alfabetização digital, o ensino de habilidades críticas de avaliação de conteúdos e a criação de espaços seguros para discussões podem contribuir para um ambiente mais saudável e inclusivo.

Os dados evidenciam a necessidade de um esforço conjunto entre escolas, famílias e comunidades para promover a segurança digital e o bem-estar integral dos adolescentes. Além disso, a inclusão de questões relacionadas à saúde emocional, física e digital nos currículos escolares é essencial para preparar os jovens para navegar com segurança no ambiente *on-line* e enfrentar os desafios dessa fase de transição com maior confiança e equilíbrio. Dessa forma, será possível maximizar os benefícios das tecnologias digitais enquanto se minimizam os riscos associados ao seu uso.

A promoção da saúde e do bem-estar integral dos adolescentes é uma prioridade que se reflete nas respostas do questionário. A preocupação com a segurança e a privacidade, ao utilizar tecnologias digitais, foi expressa por 52,6% dos participantes, evidenciando a necessidade de um ambiente seguro para o desenvolvimento saudável. O Gráfico 13 ilustra essas preocupações, destacando a importância da segurança digital na saúde dos jovens.

13. Quais riscos você percebe ao usar a internet para obter informações sobre sexualidade? (Selecione até 3 opções)

97 respostas

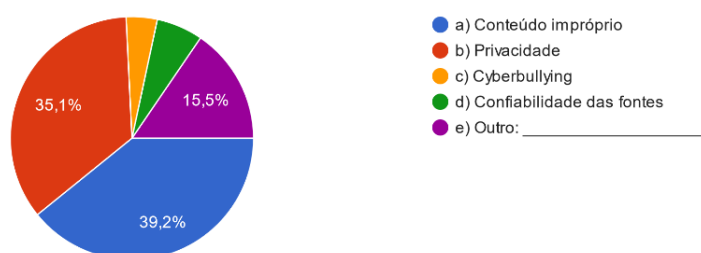


Gráfico 15 Preocupações quanto a Segurança Digital

A literatura, incluindo diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS), enfatiza que a saúde integral envolve não apenas a educação sobre saúde física, mas também a saúde mental e emocional. Além disso, com 29,9% dos alunos expressando dúvidas sobre mudanças corporais, há uma clara necessidade de um currículo educacional mais inclusivo que aborde temas de saúde sexual e mental.

4.8 IMPACTOS DO USO DE TELAS E MÍDIAS SOCIAIS POR ADOLESCENTES

A elevada frequência de acesso à *internet*, com 84,5% dos participantes utilizando-a várias vezes ao dia, destaca uma forte integração das tecnologias digitais na vida dos adolescentes. Essa conectividade contínua reflete uma dependência considerável das plataformas digitais para comunicação, entretenimento e, potencialmente, para o aprendizado. O Gráfico 14 ilustra essa frequência, evidenciando como o acesso constante à *internet* se tornou um elemento central no cotidiano dos jovens.

Os dados também apontam que 70,1% dos adolescentes utilizam o *Instagram* e 16,5% o *TikTok* como suas principais plataformas de interação digital. Essas redes sociais digitais, predominantemente visuais, desempenham um papel significativo na formação da autoimagem e na forma como os adolescentes se relacionam com os outros e com eles mesmos. A predominância dessas plataformas sugere que os adolescentes estão expostos diariamente a representações idealizadas de beleza, estilo de vida e relacionamentos, o que pode influenciar diretamente sua autoestima e percepção de si mesmos.

Além disso, 52,6% dos participantes acreditam que a *internet* influencia sua visão sobre o corpo e sobre os relacionamentos. Essa influência ressalta a necessidade de promover uma educação crítica sobre o consumo de conteúdo digital, capacitando os jovens a interpretar as informações que consomem de maneira consciente e a evitar comparações prejudiciais. A literatura, incluindo Orben (2020), enfatiza que o uso excessivo de mídias sociais pode estar associado a questões como ansiedade, depressão e insatisfação corporal, especialmente quando os adolescentes não são orientados a questionar os padrões irreais apresentados nessas plataformas.

Ao mesmo tempo, o uso frequente da *internet* também apresenta oportunidades valiosas. As plataformas digitais podem servir como espaços para aprendizado, conexão e autoexpressão. Quando utilizadas de forma adequada, redes como *Instagram* e *TikTok* podem ser ferramentas poderosas para disseminar informações educativas, promover diversidade e inclusão, e incentivar o engajamento social. No entanto, isso exige uma abordagem consciente e guiada por educadores, pais e profissionais de saúde, que precisam criar estratégias para minimizar os riscos associados a esses ambientes digitais.

Esses dados reforçam a importância de integrar discussões sobre o impacto das mídias sociais nos currículos escolares. Assim, programas educativos devem abordar temas como alfabetização digital, a construção de uma autoimagem saudável e a análise crítica de conteúdos *on-line*. Além disso, é essencial oferecer suporte emocional aos jovens para ajudá-los a lidar com os desafios associados à exposição constante às redes sociais digitais.

Promover o uso equilibrado das mídias digitais e ensinar os adolescentes a aproveitarem as oportunidades oferecidas pela *internet*, ao mesmo tempo que evitam seus perigos, é

crucial para garantir seu bem-estar físico, emocional e mental. Políticas escolares e iniciativas comunitárias podem desempenhar um papel vital nesse processo, proporcionando ferramentas práticas para que os jovens naveguem de forma segura e saudável no ambiente digital.

Os adolescentes estão profundamente imersos no uso de telas e mídias sociais, o que tem implicações significativas para seu desenvolvimento e bem-estar. A alta frequência de acesso à *internet*, com 84,5% dos alunos acessando-a várias vezes ao dia, indica uma forte dependência das tecnologias digitais. O Gráfico 14 ilustra essa frequência de uso, destacando o padrão de conectividade entre os jovens.

16. Com que frequência você acessa a internet?
97 respostas

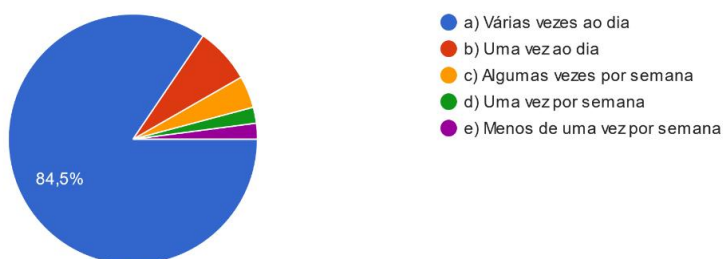


Gráfico 16 - Frequência de Uso da Internet

Os dados mostram que 70,1% dos alunos utilizam o *Instagram* e 16,5% usam o *TikTok* como plataformas principais de interação. O Gráfico 15 apresenta a distribuição do uso dessas redes sociais digitais, evidenciando a predominância de conteúdos visuais na vida dos adolescentes. Além disso, 52,6% acreditam que a *internet* influencia sua visão sobre o corpo e relacionamentos, reforçando a necessidade de uma educação crítica sobre o consumo de conteúdo digital.

17. Quais redes sociais você usa com mais frequência? (Selecione mais de uma opção)

97 respostas

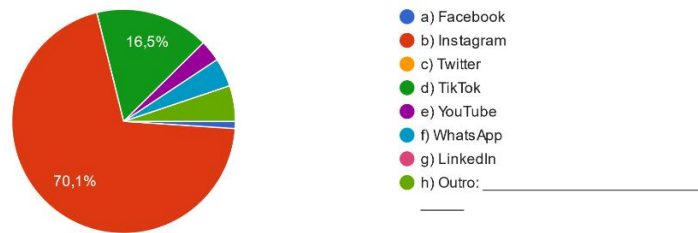


Gráfico 17 - Distribuição do Uso dessas Redes Sociais

Os adolescentes expressaram preocupações significativas em relação aos riscos associados ao uso da *internet*, sendo os mais destacados a exposição a conteúdos impróprios (39,2%) e questões de privacidade (35,1%). Esses dados apontam para a necessidade urgente de intervenções educativas voltadas à proteção e à orientação no ambiente digital. Livingstone *et al.* (2011) enfatizam que a proteção *on-line* deve ser considerada uma prioridade na educação dos jovens, uma vez que os riscos digitais impactam diretamente seu bem-estar emocional e psicológico.

A análise dos dados revela a complexidade das experiências digitais dos adolescentes, especialmente no que tange à relação entre tecnologias e sexualidade. Essas vivências demandam estratégias educativas que vão além da mera informação, promovendo uma formação integral que contemple a saúde física, mental e emocional. A inclusão de temas como saúde sexual, privacidade digital, bem-estar emocional e alfabetização digital nos currículos escolares emerge como uma necessidade imperativa para preencher lacunas identificadas na educação formal.

Além disso, a promoção de uma cidadania digital responsável é essencial nesse contexto. Os adolescentes enfrentam desafios crescentes relacionados à segurança e ao uso ético das tecnologias, o que torna indispensável capacitá-los para navegar de forma consciente no ambiente digital. A abordagem de cidadania digital deve englobar discussões sobre ética, proteção de dados e análise crítica de conteúdos, ajudando os jovens a discernirem entre informações confiáveis e aquelas que podem ser prejudiciais.

A convergência de mídias surge como uma estratégia eficaz para engajar os adolescentes e proporcionar uma aprendizagem mais significativa. Henry Jenkins (2006) destaca que a interseção de diferentes plataformas digitais oferece oportunidades únicas para criar experiências de aprendizado dinâmicas e envolventes. Quando combinada com práticas pedagógicas interativas, essa abordagem pode atender às demandas de uma geração que vive imersa em um mundo digital, oferecendo ferramentas adequadas para o desenvolvimento integral.

A educação deve evoluir para atender às necessidades contemporâneas, integrando tecnologia e formação humanística de maneira equilibrada. Ao capacitar os adolescentes para enfrentar os desafios digitais de forma informada e responsável, promove-se não apenas a proteção no ambiente *on-line*, mas também o fortalecimento de sua autonomia, autoestima e habilidades sociais. Essas intervenções têm o potencial de preparar os jovens para se tornarem cidadãos digitais críticos, conscientes e resilientes.

5 CONCLUSÕES

A pesquisa conduzida sobre o impacto das tecnologias digitais no desenvolvimento da sexualidade de estudantes dos nonos anos da Escola Municipal de Educação Básica Rui Palmeira revelou elementos fundamentais para compreender as dinâmicas entre juventude, sexualidade e ambiente digital. Os dados obtidos fornecem um panorama abrangente sobre como os jovens vivenciam e percebem sua sexualidade em um contexto permeado pelas mídias digitais, apontando tanto oportunidades quanto desafios.

O perfil demográfico da amostra, composta majoritariamente por adolescentes de 14 a 15 anos, reforça a importância de discutir a sexualidade durante essa etapa crítica de desenvolvimento. Essa faixa etária caracteriza-se por intensas mudanças físicas, emocionais e sociais, que moldam a construção da identidade e da autoestima dos jovens. A predominância de meninas na amostra (62,9%) sugere que a maneira como as questões de sexualidade é vivenciada varia de acordo com o gênero, o que demanda abordagens educativas sensíveis às especificidades de cada grupo. Essas nuances devem ser incorporadas na formulação de políticas públicas e currículos escolares voltados à educação sexual.

Os resultados apontam para uma ambivalência significativa em relação à autoimagem dos estudantes. Enquanto 46,4% dos alunos afirmaram sentir-se confortáveis com seus corpos, outros 15,5% expressaram insatisfação. Essa percepção, frequentemente influenciada por padrões estéticos irreais promovidos pelas mídias sociais, impacta diretamente a autoestima dos adolescentes. A pressão social por uma aparência idealizada pode gerar insegurança e contribuir para problemas emocionais, como ansiedade e depressão. Por isso, é imprescindível que a escola adote estratégias pedagógicas que promovam a autoaceitação e fortaleçam a saúde mental dos estudantes.

O baixo percentual de alunos que identificam a escola como principal fonte de informações sobre sexualidade (11,3%) revela uma lacuna preocupante na educação sexual formal. Esse dado reforça a necessidade de currículos escolares que abordem a sexualidade de forma abrangente, incluindo aspectos biológicos, emocionais, sociais e culturais. A escola deve ser um espaço central para promover o autoconhecimento, o

autocuidado e o respeito à diversidade. A ausência de uma abordagem sistêmica para a educação sexual contribui para a perpetuação de tabus e desinformações, dificultando o desenvolvimento saudável dos jovens.

Outro achado significativo é a alta frequência de acesso à *internet* entre os alunos, com 84,5% afirmando acessar várias vezes ao dia. Esse dado ilustra como as tecnologias digitais estão profundamente integradas à vida cotidiana dos jovens, servindo como uma fonte primária de informação e socialização. Plataformas como *Instagram* e *TikTok*, identificadas como as preferidas pelos estudantes, exercem uma influência significativa em suas percepções de corpo e relacionamentos. Embora essas plataformas ofereçam oportunidades para aprender e se conectar, também expõem os adolescentes a conteúdos que podem reforçar padrões estéticos nocivos e comportamentos prejudiciais.

Os estudantes também demonstraram consciência sobre os riscos associados ao uso da *internet*. A exposição a conteúdos impróprios (39,2%) e questões de privacidade (35,1%) foram apontadas como preocupações centrais. Esses resultados reforçam a necessidade de uma educação digital que capacite os jovens a navegarem na *internet* de forma segura e crítica. O desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e a promoção de uma cidadania digital responsável são essenciais para preparar os adolescentes a enfrentar os desafios do ambiente *on-line*. A alfabetização digital deve incluir tópicos como proteção de dados, identificação de desinformação e uso ético das mídias sociais.

Outro aspecto relevante é a influência das tecnologias digitais na saúde mental e emocional dos adolescentes. A *internet* não apenas oferece informações e oportunidades de interação, mas também pode amplificar sentimentos de inadequação e insegurança. Essa realidade evidencia a necessidade de programas educativos que integrem a promoção da saúde emocional com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e o fortalecimento da autoestima. Ao abordar a sexualidade de forma integrada, esses programas podem contribuir para o bem-estar integral dos jovens.

A promoção de uma educação sexual inclusiva e diversificada também é fundamental. Os dados demonstram que os adolescentes enfrentam uma série de desafios relacionados à aceitação de suas identidades e à vivência de sua sexualidade. Nesse contexto, é crucial que as abordagens pedagógicas considerem a diversidade de experiências e perspectivas,

incorporando discussões sobre identidade de gênero, orientação sexual e igualdade de direitos. Tais iniciativas ajudam a construir um ambiente mais acolhedor e respeitoso para todos os jovens, promovendo uma cultura de aceitação e empatia.

A pesquisa também destaca o papel central das instituições educacionais na criação de estratégias que promovam a saúde e o bem-estar dos adolescentes. A integração de tecnologias digitais nos currículos escolares pode ser uma ferramenta valiosa para engajar os estudantes e proporcionar uma experiência de aprendizado mais significativa. No entanto, é fundamental que essas tecnologias sejam utilizadas de maneira responsável e direcionada, com supervisão adequada para evitar a exposição a riscos.

As conclusões deste estudo reforçam a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para a educação sexual, que considere não apenas os aspectos biológicos da sexualidade, mas também as dimensões sociais, emocionais e digitais. As tecnologias digitais, quando usadas de forma eficaz, podem enriquecer a educação sexual e promover o desenvolvimento saudável dos jovens. No entanto, sua integração exige um planejamento cuidadoso e uma visão crítica sobre os desafios e as limitações que essas ferramentas apresentam.

Finalmente, a pesquisa evidencia a complexidade das experiências dos jovens em relação à sexualidade e ao uso de tecnologias digitais. É necessário que as instituições educacionais, em parceria com famílias e comunidades, implementem abordagens educativas que preparem os adolescentes para navegar de forma crítica e responsável em um mundo cada vez mais digitalizado. Isso inclui a criação de políticas públicas que promovam a cidadania digital, a proteção contra riscos *on-line* e o acesso equitativo a informações confiáveis sobre saúde sexual.

Ao investir na educação e no bem-estar dos adolescentes, a sociedade contribui para a formação de uma geração mais consciente, resiliente e preparada para enfrentar os desafios do futuro. A promoção de uma educação sexual abrangente, aliada ao uso responsável das tecnologias digitais, é essencial para garantir que os jovens tenham as ferramentas necessárias para construir uma vida saudável, plena e equilibrada.

6 REFERÊNCIAS

Araújo, A. D., & Hissa, D. L. A. (2017). Revista Linguagem em Foco, Volume 9, Número 1 (2017). *Revista Linguagem em Foco*, 10(1), 9-9.

Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice-Hall.

Boyd, D. (2014). *It's complicated: The social lives of networked teens*. Yale University Press.

- Brasil. Ministério da Saúde. (1996). *Programa de Saúde do Adolescente - Prosad: Bases programáticas (2a ed.)*. Brasília: MS.
- Buckingham, D. (2007). *Beyond technology: Children's learning in the age of digital culture*. Polity Press.
- Carlos, S. P. (2017). Tecnologias móveis e a recriação digital na construção do conhecimento histórico. *Revista Eletrônica de Educação*, 11(2), 637-652.
- Creswell, J. W., & Plano Clark, V. L. (2011). *Designing and conducting mixed methods research*. Sage.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. W. W. Norton & Company.
- Foucault, M. (1976). *The history of sexuality, vol. 1: An introduction*. Vintage.
- Freud, S. (1905). *Three essays on the theory of sexuality*. Deuticke.
- Livingstone, S. (2008). Taking risky opportunities in youthful content creation: Teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. *New Media & Society*, 10(3), 393-411.
- Livingstone, S. (2021). Children's digital lives in context. *Nature Electronics*, 4(1), 2-4.
- Livingstone, S., & Byrne, J. (2018). Parenting in the digital age: The challenges of parental responsibility in comparative perspective. *In Digital parenting: The challenges for families in the digital age* (pp. 19-30).
- Livingstone, S., & Haddon, L. (2009). EU Kids Online. *Zeitschrift für Psychologie/Journal of Psychology*, 217(4), 236-239.
- Livingstone, S., & Third, A. (2017). Children and young people's rights in the digital age: An emerging agenda. *New Media & Society*, 19(5), 657-670.
- Livingstone, S., Mascheroni, G., & Staksrud, E. (2017). European research on children's internet use: Assessing the past and anticipating the future. *New Media & Society*, 20(3), 1103-1122.

- Mascheroni, G., & Cuman, A. (2014). Net Children Go Mobile: Final report with policy recommendations. *Educatt*.
- Menard, S. (2002). Longitudinal research. *Sage*.
- Ólafsson, K., Livingstone, S., & Haddon, L. (2013). Children's use of online technologies in Europe: A review of the European evidence base. LSE, *EU Kids Online*.
- Orben, A. (2020). Teenagers, screens and social media: A narrative review of reviews and key studies. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 55(4), 407-414.
- Organização Mundial da Saúde. (2006). Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health, 28-31 January 2002. *Geneva: World Health Organization*.
- Pedro, A. P. (2021). Digital citizenship and online participation: Perspectives and challenges. *Comunicação Pública*, 16(31).
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5).
- Tashakkori, A., & Teddlie, C. (2010). Mixed methodology: Combining qualitative and quantitative approaches. *Sage*.
- Trindade, S. D., & Moreira, J. A. Tecnologias móveis e a recriação digital na construção do conhecimento histórico. *Revista Eletrônica de Educação*, 11(2), 637-652.
- Vygotsky, L. S. (1978). Mind in society: The development of higher psychological processes. *Harvard University Press*.

ANEXOS

Anexo A Questionário

SEÇÃO 1 - INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS:

1. Qual a sua idade?

- a) 13
- b) 14
- c) 15
- d) 16
- e) 17

2. **Gênero:**

- a) Masculino
- b) Feminino
- c) Não binário
- d) Prefiro não dizer

3. **Raça/etnia: Você se declara:**

- a) Branca
- b) Negra
- c) Parda
- d) Amarela
- e) Indígena
- f) Outra: _____

4. **Escolaridade dos pais/responsáveis:** Qual é o nível de escolaridade dos seus pais ou responsáveis?

• **Pai/Responsável**

- a) Ensino Fundamental
- b) Ensino Médio
- c) Ensino Superior
- d) Não sei informar

- **Mãe/Responsável**

- a) Ensino Fundamental
- b) Ensino Médio
- c) Ensino Superior
- d) Não sei informar

5. Situação socioeconômica da família:

- a) Tem benefício de programas sociais do governo (Bolsa Família)
- b) Não tem benefício do governo

Seção 2 - Autoconhecimento e Cuidado Pessoal

1. Com que frequência você pratica atividades físicas?
 - a) Diariamente
 - b) 3-4 vezes por semana
 - c) 1-2 vezes por semana
 - d) Raramente/Nunca
2. Quais tipos de atividades físicas você costuma praticar? Você pode selecionar mais de uma opção.
 - a) Caminhada/Corrida
 - b) Exercícios de força/musculação
 - c) Esportes coletivos
 - d) Outros: _____
3. Em média, quantas horas de sono você tem por noite?
 - a) Menos de 6 horas
 - b) 6-8 horas
 - c) Mais de 8 horas
4. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa "Nada confortável/confiante" e 5 significa "Extremamente confortável/confiante", como você se sente em relação ao seu corpo?

- 1 - Nada confortável/confiante
- 2
- 3
- 4
- 5 - Extremamente confortável/confiante

5. Por favor, explique um pouco mais sobre seus sentimentos em relação ao seu corpo e por que você se sente dessa forma:

6. Quais das seguintes transformações físicas você tem percebido nesta fase da sua vida? (Pode marcar mais de uma alternativa)

- a) Mudanças no corpo e no peso
- b) Crescimento e desenvolvimento sexual
- c) Surgimento/mudança na acne e oleosidade da pele
- d) Alterações na voz e no cabelo
- e) Outras transformações físicas. Quais? _____

7. Dentre as transformações físicas que você assinalou, quais delas você se sentiu mais desconfortável ou teve mais dificuldade em lidar?

Seção 3: Conhecimento sobre Sexualidade

1. Você sabe o que é sexualidade?

Sim

Não

Se sim, coloque aqui a definição: _____

2. De onde você obtém informações sobre as mudanças que vem acontecendo em seu corpo e em sua forma de se relacionar com outras pessoas?

(Marque todos os que se aplicam)

- a) Escola (aulas, professores, orientação educacional)
- b) Família (pais, responsáveis, irmãos)
- c) Amigos
- d) Internet (sites, redes sociais)
- e) Profissionais de saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos)
- f) Outro: _____

Seção 4 - Uso de Ferramentas Digitais

1. Com que frequência você acessa a internet?

- a) Várias vezes ao dia
- b) Uma vez ao dia
- c) Algumas vezes por semana
- d) Uma vez por semana
- e) Menos de uma vez por semana

2. Quais redes sociais você usa com mais frequência? (Selecione todas as opções aplicáveis)

- a) Facebook
- b) Instagram
- c) Twitter
- d) TikTok
- e) YouTube
- f) WhatsApp
- g) LinkedIn
- h) Outras: _____

1. Você já se deparou com conteúdo sexual inapropriado/prejudicial *on-line*?
 - a) 5 - Sim, frequentemente
 - b) 4 - Sim, algumas vezes
 - c) 3 - Raramente
 - d) 2 - Não, nunca

 8. Você acha que as coisas que você vê e com as quais interage na *internet* podem acabar influenciando a sua maneira de pensar sobre relacionamentos e sobre seu próprio corpo?
 - 5 - Sim, com certeza influenciam muito
 - 4 - Sim, acho que influenciam um pouco
 - 3 - Não, não acho que influenciam
 - 2 - Não sei, não tenho certeza

 5. Você já usou a *internet* (*site* e aplicativos) para buscar informações sobre temas relacionados a relacionamentos, corpos e sexualidade?
 - 5 - Sim, eu faço isso com frequência
 - 4 - Sim, já fiz isso algumas vezes
 - 3 - Raramente, quase nunca faço isso
 - 2 - Não, nunca fiz esse tipo de busca

 6. Se sim, quais *sites* ou aplicativos você já utilizou para esse tipo de pesquisa?
-

Seção 5: Tecnologias Digitais / Sexualidade

1. Você já compartilhou ou recebeu conteúdo sexual (fotos, vídeos etc.) digitalmente?

- a) Sim
- b) Não
- c) Prefiro não responder

2. Você conhece alguém que já compartilhou ou recebeu conteúdo sexual (fotos, vídeos etc.) digitalmente?

- a) Sim
- b) Não
- c) Prefiro não responder

Seção 6: Percepção sobre Tecnologias Digitais e Sexualidade

1. Você acha que as coisas que você vê e usa na *internet*, como redes sociais, vídeos e jogos, têm influenciado a maneira como você pensa sobre seu corpo, sobre relacionamentos e sobre sexualidade?

- a) Influência positivamente
- b) Influência negativamente
- c) Não vejo nenhuma influência

2. Você acha que as coisas que você vê e usa na *internet*, como redes sociais digitais, vídeos e jogos, têm influenciado de que maneira a sua sexualidade e seus relacionamentos?

- a) Influência positivamente
- b) Influência negativamente
- c) Não vejo nenhuma influência

Seção 7: Preocupações e Cuidados

1. Você se preocupa com a segurança e privacidade ao utilizar tecnologias digitais relacionadas à sexualidade?

- a) Sim
- b) Não

c) Nunca pensei nisso

2. Você toma algum cuidado específico ao utilizar tecnologias digitais relacionadas à sexualidade?

a) Sim

b) Não

c) Se sim, quais cuidados? _____

Seção 8: Necessidades e Demandas

1. Você sente que precisa de mais informações e orientações sobre sexualidade e tecnologias digitais?

a) Sim

b) Não

2. De que forma você gostaria de receber mais informações sobre esse tema?

(Marque todos os que se aplicam)

a) Palestras na escola

b) Materiais impressos

c) Conteúdo *on-line*

d) Redes sociais digitais

e) Profissionais de saúde Outro: _____

3. Quais são suas principais necessidades e dúvidas sobre o uso de tecnologias digitais e sexualidade?

4. Você tem alguma outra sugestão ou comentário sobre este assunto?
